

Lamego, memória(s) da cidade

MARTA M. PETERS ARRISCADO DE OLIVEIRA
JOÃO LUÍS MARQUES

A 20 de junho de 1758, Diogo António Vieira, vigário da sé, concluía a (...) *rellação verdadeyra* (...) que pôde alcançar (...) *desta nobre cidade de Lamego* (...) e de sua paróquia¹, e, no mês seguinte, José de Santa Maria Evangelista Taveira, deão da sé e reitor da igreja de Almacave, assinava a indagação de notícias acerca da sua freguesia. As duas exposições vêm juntar-se a outros textos, como a *Svmmaria Recapitulçam da Antigvidade da Sé de Lamego*... (1596), elaborada pelo doutor Manuel Fernandes, cônego, leitor da escritura sagrada, na catedral², e o *Tratado de Hum Rico Panno de Fina Verdura que há em este Reyno de Portugal*... (1531-1532), da autoria de Rui Fernandes, mercador de Lamego, meio prebendado da sé³.

Da narração da antiguidade e nobreza da cidade ressaltam, certos e enfabulados, os elementos identitários de um remoto povoamento grego⁴, e da primazia da *vrbs Lemacenorum*, entre as cidades da Lusitânia, citadas por Ptolomeu⁵. André de Resende nomeia *Lameca* entre as cidades consideradas na divisão de Constantino por seis bispos da Hispânia⁶. Em tempo da monarquia sueva, surgem os frutos desse início de cristianização, com o reconhecimento do bispado e paróquias, no concílio de Lugo, em 569⁷. Seguir-se-ia a gesta da difícil (re)conquista do castelo e da cidade por Fernando Magno, em 1057⁸, precedendo a tomada de Coimbra. E na formação de Portugal, as primeiras cortes, convocadas por D. Afonso Henriques, ter-se-iam realizado na igreja de Almacave⁹.

Lamego deteria sempre uma posição especial de irradiação setentrional, no plano comercial, social e cultural, e de gravitação beirã, em ligação com o interior e o sul peninsular. Da importância estratégica da região dava conta a extensão de domínios privilegiados concedidos à nobreza e às ordens monásticas e canónicas. O próprio domínio territorial da cidade seria objeto de excisão para a formação do Couto da Sé, concedido por D. Sancho I, em 1191, passando a estrutura urbana, diferenciada socialmente, a ser governada por duas entidades concorrentes. Mas se é

certo que os numerosos coutos¹⁰, que rodeavam a urbe da Beira Douro, cerceavam proventos e meios para o desenvolvimento, por outro lado, concorriam para a sua eminência política e social, e para uma dinâmica cultural em torno da mitra e do cabido lamecenses.

A composição da imagem da cidade setecentista, elaborada pelos dois cônegos do cabido, é coeva da transformação barroca de velha catedral românica e do lançamento da primeira pedra do novo Santuário de Nossa Senhora dos Remédios (1750). Ao tempo, prosseguia a demarcação da região vitivinícola, pela Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro (1757-1761). A circunstância da presença de arquitetos, mestres-construtores e artistas de diferentes especialidades, bem como de engenheiros militares muito teria contribuído para o ambiente de cultura, de prática das artes e de leitura da arquitetura e da paisagem, refletidos na douda dissertação sobre as coisas dignas de memória, saída da pena do vigário da sé. O seu discurso conjuga-se com uma descrição tátil do espaço urbano, percorrido de modo orientado, figura mental da forma urbana, corroborada pela cartografia do fim do século (fig. 1).

Pela disposição da sua arruada, articulando as estradas de entrada e saída e o encaminhamento aos

Lamego: memorie(s) of the city

Observation of the city, atop the meadow, on balconies over carved river valleys. The castle, of military origin and the surrounding villas, Romanisation, and the antiquity of the restored Christian diocese in Almacave; a new focus with the construction of a Romanesque cathedral; two powers and two jurisdictions — one municipal, the other episcopal. Renaissance composition of the urban centre; the eminence of Tridentine convents in the urban landscape. From *Senhora dos Remédios* to the highest hill in the range, the man-made nature of the Baroque style. The city of progress.

lugares centrais, a forma de Lamego presta-se a um enunciado seriado da sua organização em bairros, que detêm sentido de vizinhança e de afinidade social. Na génese está a acomodação do castelo, quase inexpugnável, a nascente, na espinha de um outeiro cortado em declive abrupto. A alcáçova e o paço do alcaide-mor adjacente encabeçavam o espaço do concelho definido pelas muralhas que, ainda em 1555, coincidia com o da cidade¹¹. Sobre a muralha erguia-se a Torre da Relação e, nas imediações, com acesso por uma travessa partindo da Rua dos Mercadores, havia um muito alto poço de engenho¹². Uma rua direita une a Porta dos Figos, ou da Vila, a norte, à Porta do Sol, a sul (figs. 2 e 3). A meio da rua, situa-se uma capela antiquíssima, que foi dedicada ao Salvador, e que a tradição antiga lembra ter sido catedral, depois da reconquista da cidade¹³. Articulada por travessas e cingida por muros de quintais e esparsa edificação, uma segunda rua do castelo liga à cisterna. Pela disposição da estrutura urbana, uma parte dos logradouros entestava na cerca, formando espaços verdes com serventia privada do alto dos muros, que era revertida para a cidade, caso necessário¹⁴. O *Tombo da Cidade*, de 1530, menciona a existência de ciprestes e, em vários eixidos, de amoreiras e oliveiras¹⁵. No castelo habitavam os oficiais do governo local e das justiças, membros da nobreza e clérigos, e mesteiros. Alguns mosteiros da diocese possuíam aí casas aforadas; os

monges cistercienses de Salzedas edificam uma hospedaria junto à Porta do Sol, e sobre o arco desta, voltada ao interior, a capela da Senhora da Graça.

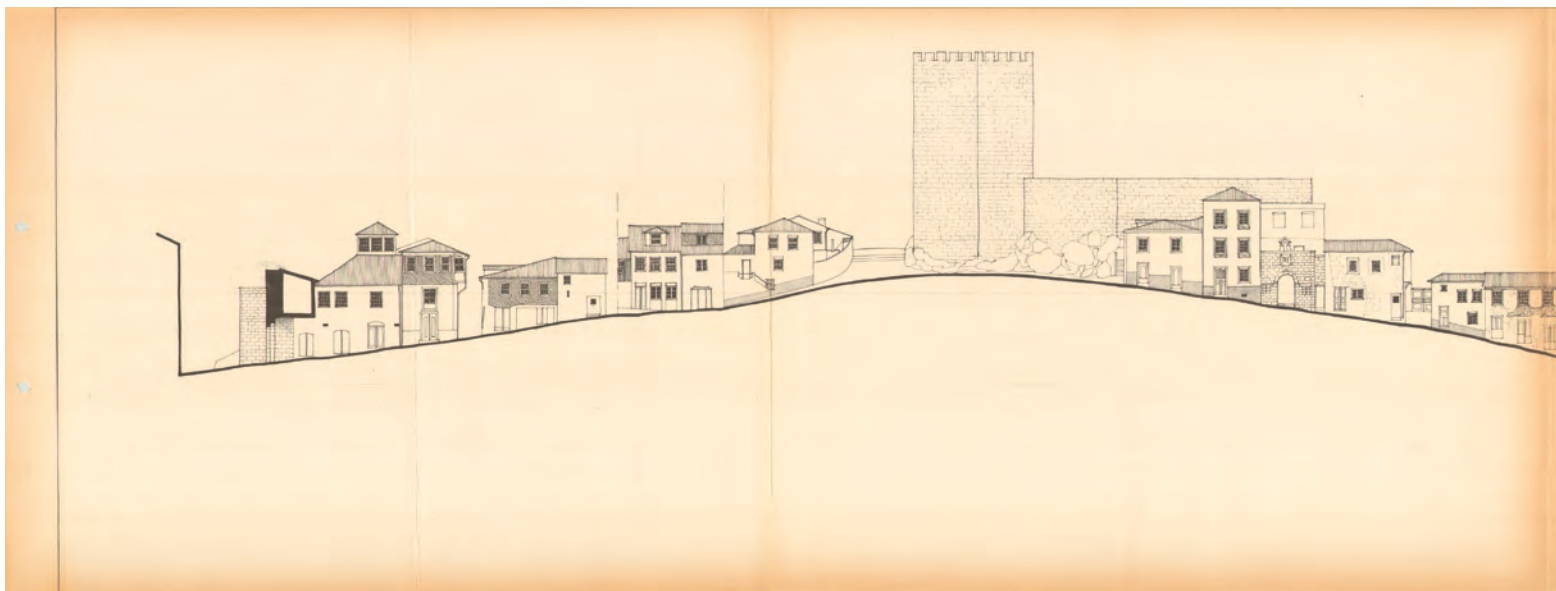
Ao castelo ligava-se, na parte alta exterior, o arrabalde, a Vila da Seara do Bispo, um burgo arruado em propriedades testadas à Sé de Lamego, no século XIII¹⁶. O casario começava no sopé do monte de Monsanto, a norte, junto à Capela de Nossa Senhora da Esperança, do final do século XVI, que marcava o limiar do espaço urbano¹⁷. À ilhargia iria romper, no século XVIII, a Estrada Nova para a Régua (fig. 1), cortando pelas encostas do país vinhateiro, até ao Douro.

A capela acolhe os passantes num largo alpendre, com assentos, elevado sobre escadaria, que domina a vista sobre a Rua da Seara, que, por sua vez, se encaminhava direita à praça com o pelourinho, às portas da muralha. A meio, bifurcava na Rua da Cadeia, apontando a direção da casa da câmara, que, desde o século XIII, ocupava uma torre da cerca do castelo, a Torre da Relação¹⁸. Todavia, ainda no século XV, continuam notícias de reuniões do concelho realizadas debaixo de um *ladoeiro*, ou (...) *Lamagueyro*, do nome de certas arvores q nesta comarca nascem semelhantes aos lodões (...). Árvore com pomos que se tornaria figura da cidade (fig. 4). Como escrevia o autor da *Svmmaria Recapitvlaçam*: (...) [e]u nam nego as armas desta cidade serem as quinas reais, hum castello, com uma arvore nos sobreditos ao lado, & a serra

1 | Planta da Cidade de Lamego e Seus Arredores, Levantada por J. Auffdiener, no Anno d'1793. Copiada na Secretaria do Real Corpo d'Engenheiros, Pelo 2º Tenente M. E. Saldanha Machado No anno de 1818. Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar.



2 | Lamego, perfil da Rua do Castelo, alçado nascente. A meio, a antiga Capela de São Salvador e, ao fundo, a hospedaria de Salzedas. In Arménio Losa e Henrique de Carvalho, *Lamego – Recuperação do Tecido Urbano Junto às Muralhas do Castelo*, 1978 (Equipa vol. 1: Francisco Pires Keil do Amaral, et al.).



que para norte junto a ella foi nomearse a serra ou monte dos lamaçais (...)¹⁹.

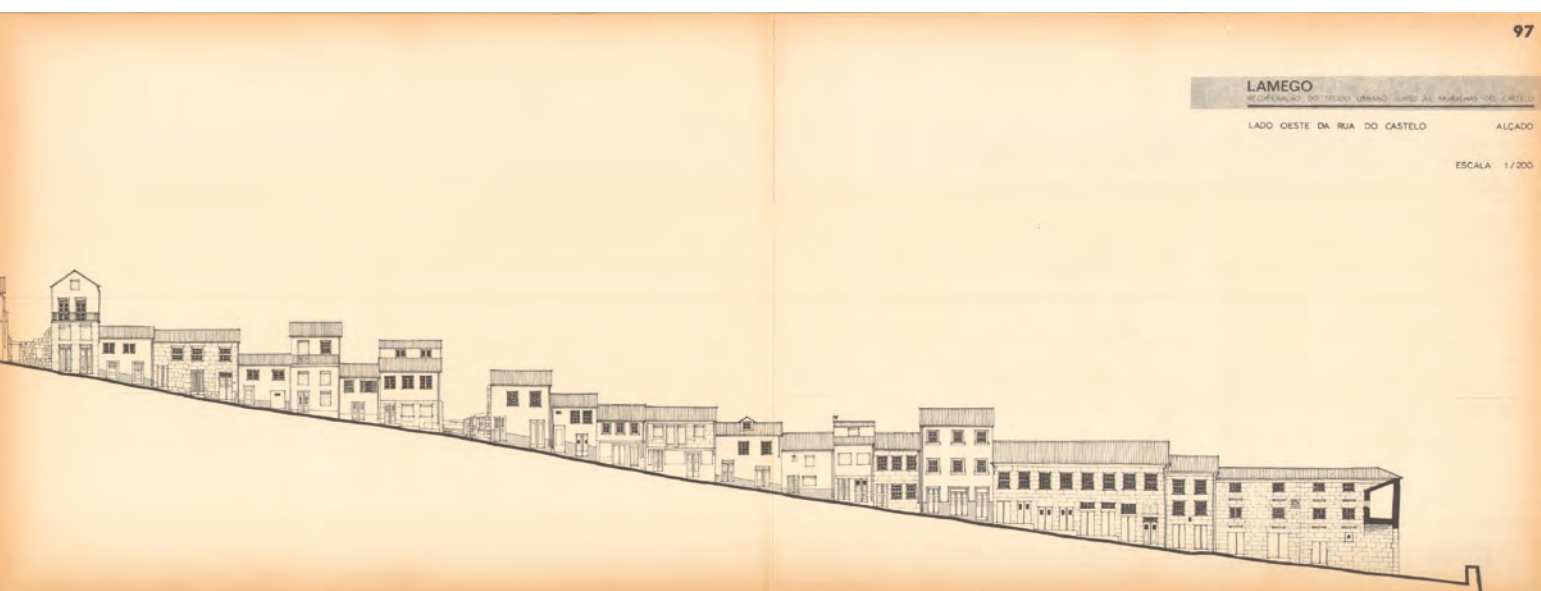
Uma calçada sobe da praça à porta do castelo, onde se situava a Casa da Audiência, nuns alpendres, ou llogia²⁰. No muro da cerca, nas imediações da porta, levantava-se um coruchéu, com o relógio (fig. 5)²¹. Os percursos, nessa área, eram imbricados, pois, em 1530, já havia referência a edificações existentes, entre a praça e os arruamentos, que, na parte posterior, confluíam na Porta da Vila. A entrada na cerca, em ligação com a praça, era feita por uma porta da barbacã que se chamava da Couraça²². A Torre da Relação com o balcão sobranceiro à cerca, afixando a imagem da instituição numa posição mediadora entre o interior e o burgo do arrabalde, e o alpendre da audiência, na

sua disponibilidade de atendimento, à porta da cerca, surgiam como disposições características de algumas vilas portuguesas²³.

A praça da cidade (fig. 6)²⁴ era onde acudiam (...) *todas as mercadorias e vivem os mercadores, e se fazem os mercados, e onde hé o trato todo e onde está a Audiencia, Rollação sobr'ella, e pouzão as justças seculares* (...)²⁵. A norte, pela Rua do Carvalho, a praça encontrava-se ligada ao Campo do Tablado, sítio da feira com chafariz público²⁶. Para esse local havia sido trasladada uma ermida antiga de São Sebastião, que tinha cedido lugar à sé românica²⁷.

No século XVI, o conjunto de espaços urbanos da praça seria regularizado e urbanizado. Em 1530, é referida a abertura de portais e boticas em casas da

3 | Lamego, Bairro do Castelo, planta de fogos. In Arménio Losa e Henrique de Carvalho, *Lamego – Recuperação do Tecido Urbano Junto às Muralhas do Castelo*, 1978 (Equipa vol. 1: Francisco Pires Keil do Amaral, et al.).



praça²⁸. No final de Quinhentos, o Campo do *Tablado* era dado como o segundo lugar assinalado da antiguidade da cidade, além da Capela de São Pedro de Balsemão: (...) *no principio & entrada da cidade está hum campo raso muito grande, espaçoso, de comprimento de dozentos & vinte pés, pouco mais ou menos, & oitenta de largura; he chão, & bem assombrado* (...). No campo se faziam (...) *justas, canas, torneos* (...), na tradição da festa dos cavaleiros godos²⁹. A partir do fim do século, concentram-se aí duas das principais instituições religiosas da cidade, que surgem representadas numa vista do burgo seiscentista (fig. 5)³⁰. Na frente norte, é lançada a primeira pedra do Convento das Chagas, de freiras de Santa Clara, em 1588³¹, tomando o lugar da ermida de São Sebastião. Ao abrir as fundações aparecia, a grande profundidade, um (...) *cano muito grande: tal que vista a terra que creceo por cima delle, & considerando a antiguidade das pedras e lavor dellas* (...) *concluimos* (...) *& aver mais de mil anos que o cano se fabricou* (...) ³².

Do lado nascente principiam, em 1637, as obras do Convento de Nossa Senhora da Piedade, da congregação dos Eremitas de Santo Agostinho³³. A igreja abria uma galilé com portal renascentista, ao espaço público, e o campo recebia uma conotação religiosa, com um alto cruzeiro levantado a meio do tablado³⁴. A comunidade, ainda que diminuta e falha de recursos, exercia o seu carisma de missionação e mantinha estudos abertos a escolares leigos; religiosos lecionavam no Colégio de São Nicolau, junto à sé³⁵. Em dias de feira, os Gracianos tiravam provento das barracas, que se levantavam no adro e ao longo da cerca grande do convento, que se desenvolvia fronteira à das religiosas clarissas, e se prolongava até à Rua da Seara³⁶. Quanto ao Convento das Chagas, ganharia notoriedade com o brilho das cerimónias litúrgicas, e os *outeiros* com música e poesia, celebrados do alto do mirante, com assistência pública no campo. A riqueza do espólio da instituição testemunha a proveniência

abastada das religiosas, e a cultura e os dotes artísticos da comunidade³⁷.

Com a extinção das ordens religiosas seria concretizado, nesta área da cidade, um ideário da cidade do liberalismo e da regeneração. O pelourinho da praça é apeado, e o espaço público, ampliado e regularizado, toma a designação de Praça do Comércio³⁸. No Campo do Tablado, o cruzeiro monumental é desmantelado, e o espaço é transformado em *Passeio Público*, sendo a sua forma ampliada e delimitada por uma balaustrada com vista sobre a paisagem³⁹. O espaço conventual dos Gracianos é apropriado para os paços de concelho; o interior e a fachada da igreja são reconstruídos. Rompendo a cerca agostinha é lançada uma alameda, que



4 | Tombo das Propriedades Maninhos Heranças e Rendas que Pertencem à Muyto Nobre e Leal Cidade de Lamego (...), 1530, frontispício. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

5 | Vista da cidade de Lamego, gravura de autor desconhecido, c. segunda metade do século XVII. In *TYPUS Provinciae (...)*, álbum de desenhos. Coleção particular.



será povoada com espécies arbóreas enviadas de viveiros de Lisboa⁴⁰. E, na vertente da serra de Monsanto, em condições de boa exposição solar e de bons ares, surge o novo hospital civil, inaugurado em 1892. No século XX, o Convento das Chagas desaparece, para, em 1937, dar lugar ao Liceu Nacional Latino Coelho.

Partindo da praça, uma rua descia a encosta (fig. 6); e, da Porta da Vila, contornando a muralha e a barbacã, que desse lado reforçava o Bairro do Castelo, uma calçada ia juntar-se-lhe⁴¹, logo se encontrando na *Cruz de Almacave*⁴², interseção de duas importantes direções. Um cruzeiro do Senhor do Bom Despacho velava sobre a igreja de Almacave, com a imagem da Senhora da Conceição, de pedra dourada, afixada na fachada da ousia⁴³. As *Memórias* setecentistas dão notícia de cruzeiros e de imagens no espaço urbano, em pedra pintada, a cor, tornando os passos de culto vivos e presentes, e (co)movendo na devoção.

A Igreja de Santa Maria de Almacave teria sido a primeira sede da diocese, sendo também sede da paróquia da cidade do castelo. Pontuava o arrabalde, a ocidente, sobranceira ao ribeiro das Nazes, numa importante relação territorial dada pela fachada, a torre e o eirado voltados à paisagem do vale do Coura

e serras, no circuito de Lamego. A sua origem poderá remontar a uma basílica paleocristã, erigida em contexto cemiterial, sobre uma antiga necrópole romana⁴⁴; que, sob o domínio islâmico, seria transformada em mesquita, adjacente a um lugar de enterramento⁴⁵. O seu nome, bem como outros vocábulos locais, testemunham o domínio muçulmano, que deixou marcas nos arrabaldes da cidade, a oeste, em lugares de uma economia agrícola formada com as *villae* da romanização e alto-medievais⁴⁶.

Documentos do século XIII dão uma ideia de como seria Lamego, correspondente à cidade situada na margem esquerda do Coura: o Burgo da Seara, o Bairro do Castelo, com as ruas Sapateira, dos Açougues e da Cisterna e, a ocidente, a paisagem de vinhas, olivais e soutos das antigas *villae* de Almacave e das Nazes⁴⁷. Em Trezentos instala-se, junto à igreja de Almacave, a judiaria nova, com sinagoga. A Judiaria da Pedra, como era conhecida, comunicava com a praça, por um boqueiro (fig. 6)⁴⁸, e com o Campo do Tablado. O bairro judaico era vertebrado pela Rua Nova, que descia até ao ribeiro das Nazes, no subúrbio, junto à ponte e à fonte de Almedina, uma (...) *das melhores desta Cidade* (...), com um grande tanque⁴⁹.

6 | Lamego, vista da Praça. À direita, a entrada na antiga Judiaria da Pedra. Fotografia de autor desconhecido, anterior a 1934. Arquivo Municipal de Lamego, Fundo Francisco Laranjo.

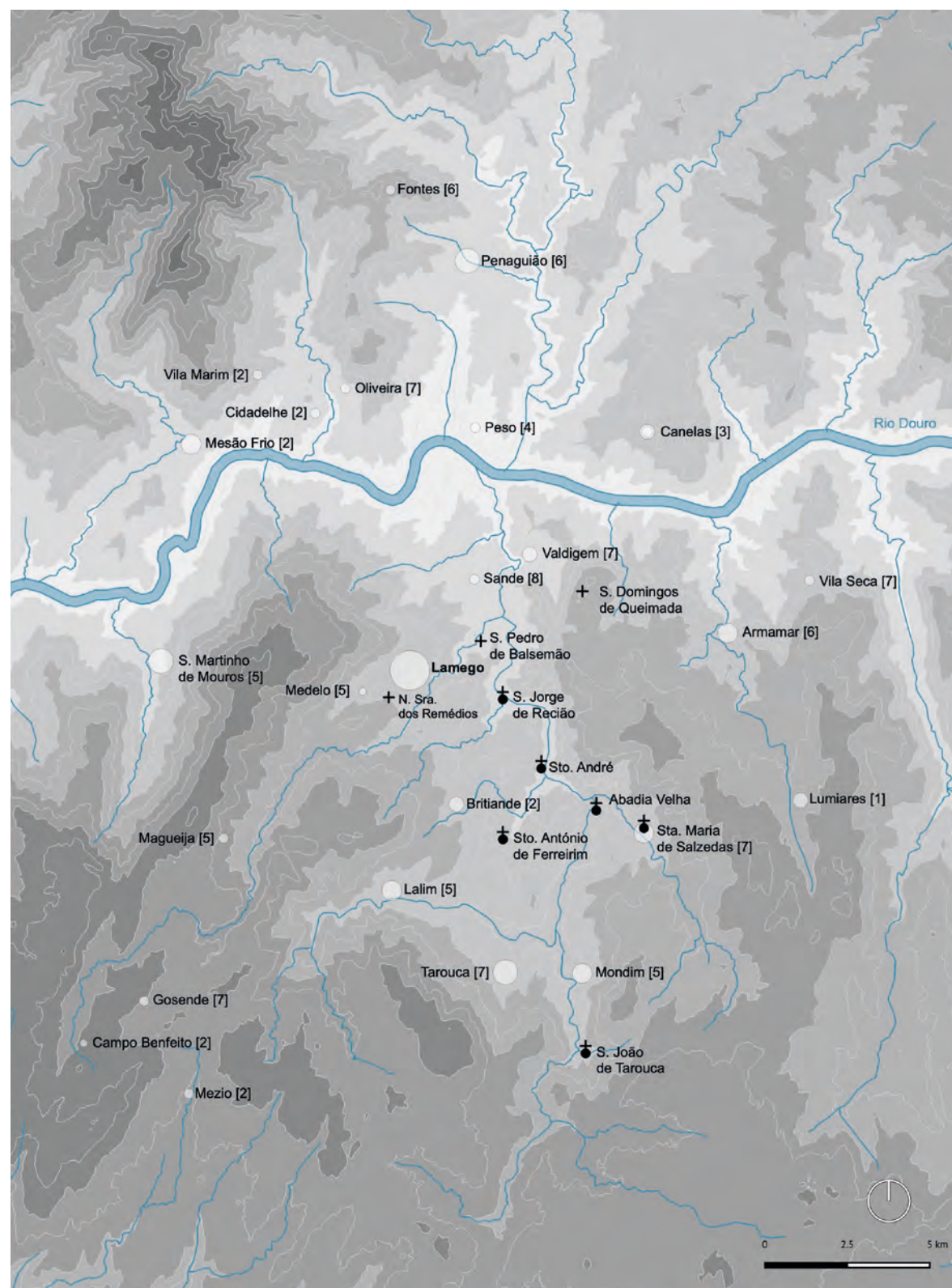


Um dos traços característicos de Lamego, que se manteria ao longo do tempo, seria essa permeabilidade entre o espaço urbano da cidade arruada, as casas e quintais entre muros (com a variedade de modos que tomavam essas parcelas — eixidos, cortinhais, conchousos, hortas), e o subúrbio, na imediatez de um passo por travessas e quelhas sinuosas, que irradiavam como filamentos do espaço rural.

A descrição quinhentista acrescenta uma visão territorial do circuito em volta da cidade e do seu

tecido produtivo. Cerca 1530, Rui Fernandes subia ao miradouro da Cruz Alta, que D. Fernando de Menezes Coutinho e Vasconcelos, bispo de Lamego, tinha mandado fazer na Franzia, para daí deitar (...) *hum compaz* (...) duas léguas (...) *em redor* (...) da cidade de Lamego (fig. 7)⁵⁰.

Da serra de Montemuro, (...) *a qual serra he neste circuito a principal della* (...), onde nascem os rios Balsemão e Coura, e dava notícia das (...) *gentes lavradoras* (...) serranas, registrando a diferença e o



7 | Lamego no compasso de duas léguas, segundo Rui Fernandes. Cartografia dos autores, com Jorge Alves.

LEGENDA
Número de vizinhos, por povoação, segundo Rui Fernandes (1530)

- sem informação
- <100
- 100-190
- 200-350
- 500-600
- >1000

- [1] de António Pereira;
- [2] Beatriá;
- [3] do Bispo de Lamego;
- [4] do Bispo do Porto;
- [5] do Infante D. Fernando;
- [6] de Pedro da Cunha;
- [7] de El-Rei;
- [8] de São João.

arcaísmo dos seus costumes⁵¹. Vista de Penude — a serra que (...) *assombra* (...) a cidade e (...) *lhe fica eminente* (...) ⁵², a noroeste e a oeste —, das povoações de remota origem castrense, que em Quinhentos ainda eram todas de casas (...) *de colmo, e todas terreiras* (...), bem como das *villae* da veiga, a colina da cidade de Lamego e o castelo surgiam como referência maior de urbanidade, no meio do *habitat* ancestral cingido por cumeadas.

No compasso de Lamego, ainda que (...) *montuosa* (...), a terra que se avistava do circuito era povoada e (...) *mui viçosa* (...); no verão parecia um (...) *excelente panno de fina verdura* (...) ⁵³. A produção variada de (...) *novidades* (...) complementava-se, em cada tempo e estação do ano — na terra quente, azeite, (...) *árvores de espinho* (...) e vinho (...) *cheirozo* (...); e na terra fria, pão, castanha e muitos frutos, e madeira⁵⁴. A descrição do *Tratado* dá uma viva imagem do modo como Lamego tirava partido da sua abastança na mercancia, considerando a posição regional de mediação entre as comarcas de Entre-Douro-e-Minho, Trás-os-Montes e Beira, e no trânsito do Noroeste para o Sul peninsular, a Andaluzia, e o interior da meseta ibérica. Sobretudo, dá conta da intensa economia de troca e complementaridade que ligava a vida da cidade aos subúrbios e ao campo. Como observava Rui Fernandes, que era cristão-novo, (...) *todas as pessoas, e assim mercadores* (...), quando ganhavam o bastante, investiam em quintas dos arredores⁵⁵.

O Coura irrigava a paisagem fértil de lameiros e, já próximo da cidade, era proveitoso para as indústrias implantadas nas suas margens. No seu curso ia adoptando o nome dos lugares por onde corria; não criava peixe, mas tinha represas, açudes e moinhos, pisões e lagares de azeite, servindo ainda a indústria de pelames⁵⁶. As suas águas eram das melhores para curar as lonas e os bornates. Relevando o impacto do seu negócio na economia local, o feitor quinhentista estimava haver na cidade e no seu circuito duas mil tecedeiras, e distinguia a casa da feitoria, com os seus notáveis mecanismos de produção, (...) *hum fermoço bronhidor dos bordates e [presas] monstruozas, para ver andar; e assi ha dous pizoes* (...) ⁵⁷.

Em 1191, D. Sancho I couta uma parte do termo da cidade a favor da diocese, a (...) *instantes pedidos do prelado* (...) ⁵⁸, marcando uma decisiva excisão na organização do território e da paisagem urbana. A cidade passa a ser (...) *governada por dois poderes e duas jurisdições* (...): a concelhia, do castelo, com os seus arrabaldes, e a eclesiástica, do couto, correspondente ao burgo da sé⁵⁹. Surgia, assim, uma duplicação de funções e de instituições da vida pública urbana, que permaneceriam concorrentes muito além da integração da cidade promovida por D. João I⁶⁰.

É desse modo que, em Setecentos, o vigário da sé começa a descrição da sua freguesia, na rua que descia da praça, depois de passar junto à igreja de Almacave. O traçado seria clarificado com a implantação do Convento de São Francisco, a meia encosta, no século XIII⁶¹. Em 1530, a frente nascente da via, hoje

Rua de Almacave, estava já grandemente edificada, mas a cidade ainda tinha chãos para se fazer casa. Na descrição das parcelas, de larguras diferentes, é recorrente a medida de profundidade, desde a frente da casa ao quintal que entestava com a barbacã, do lado ocidental do castelo⁶². A medida regular denota uma intervenção de parcelamento e traçado de alinhamento da rua.

O Convento de São Francisco rematava num largo, a sul, com uma fonte pública encostada à cerca. A encruzilhada distribuía em várias direcções; uma calçada ligava ao castelo, pela Porta do Sol, enquanto que o percurso principal descia pela olaria, até ao (...) *fundo da cidade* (...). Nessa zona habitavam sobretudo mesteiros, entre outros, oleiros e artífices de ofícios ligados ao couro⁶³. Aí se situava também a judiaria velha, encontrando-se as casas dos judeus disseminadas entre as casas dos cristãos. Em 1519, a sede provisória da Misericórdia⁶⁴ instala-se anexa ao convento franciscano; em meados do século, o convento passa para a custódia da Província de Santo António dos Capuchos⁶⁵.

A cidade do castelo terminava junto ao Coura. Um cruzeiro com a imagem do Senhor do Bom Fim despedia, na ponte da olaria, que dava entrada no Couto da Sé⁶⁶. Transposto o curso do rio, logo se descia para um (...) *espasozo e largo recio, muito plano quaze quadro, e do comprimento de hũa carreya de cavallo* (...); no meio um (...) *elevado chafariz de pedra jaspe, que lança copioza agoa* (...) ⁶⁷. Parte daquele espaço, com uma configuração oblonga e um tanque no meio, ainda em Seiscentos era dado como rossio do concelho⁶⁸, reminiscência de uma área de terreno pertencente à vila do castelo, situado na margem esquerda do Coura, quando o rio passava mais perto da catedral. Guardam as *Inquirições* de 1258 a memória de que D. Sancho I costumava matar touros e correr cavalos, no lugar das *almargens*, naquele antigo rossio da vila⁶⁹.

A partir do final de Quatrocentos, o centro da cidade vai ser reconfigurado numa sucessão de intervenções, em resultado da ação ilustrada de alguns prelados. À frente dos destinos da diocese fazem rebater na cidade uma visão do mundo aberta e um ideário reformador, reflexo do seu percurso pessoal de formação, saber e funções exercidas no âmbito eclesial e ao serviço da coroa, na universidade e, no plano internacional, junto do papado.

Ainda que sob pena de injusto oblévio de outros prelados, seria de destacar, no século XV, D. João Vicente⁷⁰, confirmado na mitra lamecense em 1431. Em Lamego, D. João Vicente alcança o mosteiro beneditino de São Jorge de Recião para a Congregação de São João Evangelista (Loios), de que foi um dos fundadores, marcando a entrada na cidade da nova ordem religiosa voltada à reforma do clero. Em tempo e no contexto da obra do Mosteiro da Batalha, inicia um ciclo de qualificação da sé, que, em 1445, justifica nova sagração da igreja e dos altares; em 1456 seguir-se-ia, já com o bispo D. João da Costa, a colocação

de relíquias e a sagração do altar-mor, que muda de sítio⁷¹. As breves notícias dão sinal de uma importante intervenção na catedral, que seria obliterada pela reforma setecentista. Nas obras da Sé de Lamego trabalha o mestre João Domingues, talvez o mesmo mestre que terá realizado, na Sé de Viseu, a capela do claustro que o bispo D. João Vicente (entretanto transferido para essa diocese) destina, em 1451, para acolher a sua arca tumular⁷².

Em 1513, é ordenado bispo de Lamego, D. Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos, sendo confirmado por Leão X⁷³. A sua presença na vida política e pública do reino situa-o em contacto com alguns dos mais importantes núcleos de cultura e de saber do humanismo em Portugal, nos quais se incluem os círculos das artes e da arquitetura. Ao tempo, em Coimbra continuava o longo bispado do seu tio, D. Jorge de Almeida; em Braga ainda governava D. Diogo de Sousa; e D. Miguel da Silva, regressado de Roma, surgia à frente da diocese de Viseu. Nos anos trinta do século XVI, D. Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos acompanha D. João III na sua estada em Évora. Tais referências a contactos próximos dos círculos do humanismo e da pré-reforma tridentina, bem como com o mundo de obras urbanas e de arquitetura, permitem enquadrar o programa de benfeitorias que realizou em Lamego.

Ao prelado se deve a reconfiguração do espaço público do centro da cidade, junto à sé, com o ordenamento do rossio e do terreiro frente ao paço episcopal. Para tal seria necessário mudar o curso do rio Coura. Não sem percalços, a correnteza de águas é encanada entre muros e desviada para junto do antigo hospital, que a Misericórdia tinha tomado à sua conta, iniciando a transformação da velha edificação (fig. 15). Corroborando a noção de que Lamego continuava uma urbe dividida, Rui Fernandes apela ao rei para que também a cidade de cima seja (...) *concertada de muitas bemfeitorias* (...), e mormente de (...) *fazer recios de que tem muita necessidade, como de praça que ha tres anos que nella fazem e polla renda ser pequena se nom pode acabar* (...) ⁷⁴.

A fábrica da sé é reorganizada, tem início a obra do claustro, e continuam o desenho do coro e o refazimento da fachada da igreja. Em 1526, assinalando a requalificação da imagem da catedral, na cidade, com um novo sentimento de formas, o cónego da sé, com o (...) *cargo de mandar correger as obras* (...) que o bispo manda fazer, dá de empreitada ao mestre flamengo Arnao de Carvalho, (...) *mestre de maçonaria* (...), a obra das portas principais da sé (a central, mainelada — fig. 5), que havia de fazer lavradas com alguma (...) *boa obra grossa de Romano* (...) ⁷⁵.

Do mesmo modo, no início do século XVIII, sob o governo de D. Tomás de Almeida (1706-1709), seria com o refazimento das portas num elaborado trabalho de ensambladura, nesse limiar de entreface pública, que é dado sinal de início da transformação barroca. O tímpano e o mainel são eliminados, e seis janelas, então abertas nas naves, passam a deixar

entrar luz, ainda antes da metamorfose do interior da igreja⁷⁶.

A presença temporã do Renascimento, em Lamego, surge evidenciada em obras de arquitetura civil, particularmente as dos paços, episcopal e do alcaide-mor. Esta última edificação, levantada sobre a cerca do castelo, junto à torre de menagem (fig. 8), talvez seja aquela a que se referia Rui Fernandes: (...) *e tem pera hua parte hum muy fermoço castello em que o Inffante Dom Fernando tem seu alcaide, porque elle he alcaide mór desta cidade* (...) ⁷⁷. Considerando o infante D. Fernando, na sua condição de senhor de Lamego, e o interesse que o liga a um conjunto notável de códices iluminados, seria de voltar a atenção para o manuscrito lamecense, o *Tombo das Propriedades Maninhos Heranças e Rendas*..., de 1530. Tal como algumas das obras iluminadas, realizadas por encomenda do infante, também a obra lamecense, com as armas da cidade, mostra, no frontispício, o interesse de uma iluminura em que pontuam, na cercadura, grutescos e *putti*, evidenciando um desenho cuidado com um acento de gosto da Renascença (fig. 4).

Em contraponto ao paço do alcaide no castelo, ressurgia também naquele período, no Bairro da Sé, o paço dos bispos (...) *com o fermoço jardim, e grande terreiro, e cerco de muro* (...) ⁷⁸ engrandecidos por D. Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos. Entre 1772 e 1786 encontrava-se o palácio e a respetiva cerca (...) *com muitas e grandes obras* (...) ⁷⁹ impulsionadas por D. Manuel de Vasconcelos Pereira, conforme dá conta o *Tombo da Mitra* (1776). No (...) *espaço jardim com seos passeys de murtas* (...) ⁸⁰ mandaria erguer, a toda extensão da reformada ala norte do paço, um grande (...) *lago de pedra de cantaria lavrada* (...), e sobre ele (...) *hum varanda com*

8 | Lamego, torre de menagem do castelo e paço do alcaide-mor. Fotografia de Marques Abreu Junior, 1954 (antes da demolição).





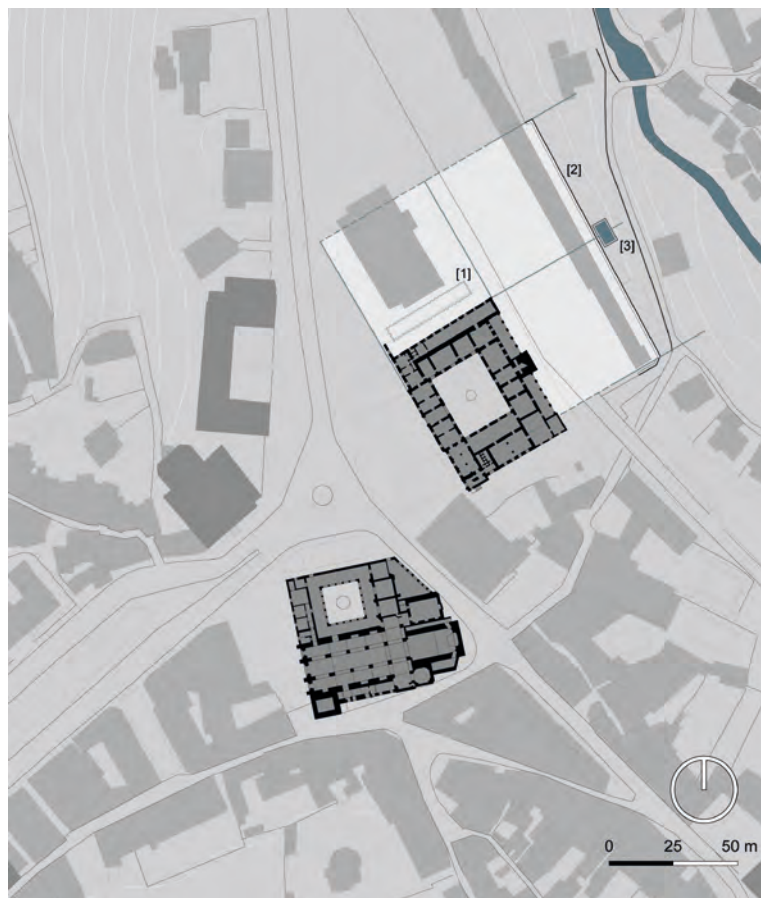
9 | Lamego, vista da cidade de nascente. Fotografia de Domingos Alvão, c. 1935. Centro Português de Fotografia.

*balaustres (...) com duas escadas de ambos os lados (...)*⁸¹, de que hoje não há memória. A renovação barroca do paço, que envolveu e transformou partes da antiga edificação quinhentista dando-lhe uma nova frente urbana de 250 palmos de comprimento, e da cerca, com seus muros, carreiros, assentos de peitoril abertos à paisagem e ao profundo rio, com miradouro e pombal, reafirmavam a matriz renascentista que organizara a encosta fresca e amena com altos muros, a nordeste (fig. 9), dispondo tabuleiros de terra plana outrora revestidos de jardim, de (...) *pomares de frutas e de espinho, ortas e mais campos (...)*⁸². Avistada das varandas, e na transparência das janelas interiores do paço revestido de tapeçarias, a paisagem duriense artificada em terraços transfigurava-se, na imaginação, e surgia partícipe, em fundo dos panos com temas das virtudes e ação moral, da obra flamenga que D. Fernando de Meneses encomendara. O paço do bispo concertado como escola de Atenas, espelho de humanismo cristão, horto e vinha de *vir bonus*. A clareza e o rigor da composição geométrica, do terraço dividido em quatro partes iguais, são ainda hoje legíveis (fig. 10). Atente-se na criteriosa implantação do paço na quadra sudoeste, do jardim com lago (fig. 10 [1]) na noroeste, do horto nas quadras nordeste e sudeste com seu muro (fig. 10, [2]), estando o tanque (fig. 10, [3]) (retangular de proporção 5:3 — *Superbipartiens tertias*, segundo os tratados) a reforçar a mediana. Aí, à cota inferior da antiga horta, a nascente do paço episcopal, à (...) *roda do dito taboleiro algum bocado de vinha com suas ramas em roda do muro antigo (...)*⁸³, com assentos compridos, voltados à ponte e à capela da Senhora das Virtudes, nas Lajes, ainda hoje se reconhece a memória daquele lugar (fig. 11). A qualidade do jardim e do horto, de (...) *que poucos Palacios Episcopales gozam (...)*⁸⁴, poderia, contudo, recordar outras obras contemporâneas, como a do Paço de Fontelo, em Viseu, onde a água e os seus cursos permitiam a criação de espaços de contemplação e de deleite vincadamente renascentistas.

De facto, há que considerar a importância das obras de hidráulica que, desde o início do século XVI, vinham sendo realizadas junto ao rossio da Sé de Lamego, procurando a urbanização e o enobrecimento daquele espaço central da cidade. A mudança do curso do rio Coura, a par da abertura do *Poço da Bomba* são exemplos das (...) *mui ferozas bemfeitorias (...)*⁸⁵, que o prelado D. Fernando de Menezes Coutinho e Vasconcelos patrocinou.

D. Manuel de Noronha⁸⁶, confirmado bispo de Lamego em 1551, daria sequência a intervenções em

10 | Lamego, cerca do paço episcopal, esquema interpretativo da composição. Desenho dos autores, com Jorge Alves, 2021.



obras e lugares significativos da estrutura urbana. Do monte de Santo Estêvão traz água ao rossio e ao terreiro do paço, dispondo, no meio deste último (...) *um chafariz com hum tanque redondo e tem huma pillastra levantada com duas tassas, huma mayor, outra mais piquena por onde corre della agoa por quatro bicas (...). Tem no simo uma bolla com huma cruz no alto della, e na mesma para parte do Poente (...), as suas armas*⁸⁷.

No rossio procede à definição da sua forma conclusa e edifica, na margem esquerda do rio, o Colégio de São Nicolau⁸⁸. No século XVIII, com a ampliação e a reedificação do paço episcopal, completando e fechando a quadra, surge uma ala integrando uma livraria e biblioteca⁸⁹, entre outras dependências de acesso público, que vêm reforçar o projeto quinhentista de uma centralidade configurada com instituições de cura de corpo e alma, como a igreja, o colégio e o hospital.

Na sé, D. Manuel de Noronha leva a obra do claustro e respetivas alas anexas à conclusão, o que implica a reorganização da área construída envolvente, a nascente. Desse lado, levanta um corpo de volume granítico severo e de expressão grave, integrando três capelas. Na capela do meio, dedicada a São Nicolau institui a sua sepultura, com a inscrição, em síntese, dos propósitos de ação no episcopado⁹⁰. O conjunto catedralício vê redefinida, nesse tempo, a sua forma perimetral na relação com o espaço urbano envolvente, com a distinta feição da galeria superior do claustro, aberta ao terreiro e à cidade, a norte, e do lado sul da igreja, o tribunal com um alpendre em arcada aberto à praça, onde se fazia o mercado⁹¹.

As obras de metamorfose das naves da sé, iniciadas em sede vacante, em 1733, e subsequente alteração da capela-mor e do cruzeiro, levariam a um novo reordenamento da área urbana a nascente. A transformação e a ampliação da parte medieval e quinhentista do paço episcopal decorrem a par da edificação da casa adjacente, onde habitariam alguns capitães-mor de Lamego, e da formação do largo enquadrando a vista da nova cabeceira e sacristia (fig. 10)⁹².

O Couto da Sé era habitado pelas dignidades principais do cabido, clerezia e seus familiares, nobreza e licenciados, que se distribuíam pelas ruas próximas da catedral e do paço episcopal, contando-se entre as personalidades nomeadas a habitar na Rua da Pereira, o deão, um físico e um cirurgião⁹³. Da Praça da Sé partiam arruamentos em várias direções. A Rua da Pereira subia a um rossio, no alto, de onde partiam a estrada antiga para Arneirós e Vila Nova de Souto d'El Rei, e aquela que seguia para a ponte de Balsemão. A Rua Direita encaminhava para sul, até ao Outeiro, o sítio ocupado pela Casa das Brolhas, numa posição eminente, dominando o encontro dos vales do Coura, de Balsemão e, ao fundo, do rio Varosa. Do terreiro da casa, o caminho seguia pela Corredoura, (...) *em planície athe a capella da Senhora do Desterro (...)*⁹⁴, e descia pela calçada ao lugar da Ponte, um bairro habitado, em estreita vicinidade, por artífices, sobretudo famílias de moleiros (fig. 12).

Ali, entre casario e moinhos alcandorados sobre as águas revoltas do rio Balsemão, D. Manuel de Noronha promove a (re)construção da Capela da Senhora dos Meninos, no sítio da antiga ermida (c. 1555)⁹⁵.



11 | Lamego, tanque, assento e vinhas da antiga cerca do paço episcopal.

12 | Lamego, Bairro da Ponte, rio Balsemão. Fotografia de Manuel Pinheiro da Rocha, c. 1930-1950. Centro Português de Fotografia.



No caminho anunciado como percurso doloroso, um cruzeiro alçado na encosta, com o Senhor Crucificado, Senhor do Amparo, Senhora dos Meninos, Senhora do Amparo e Senhora da Cadeirinha, a devoção à padroeira surgia num quadro feminino de invocação na maternidade, no parto e na protecção à infância⁹⁶. Com a reordenação tridentina, o culto à Senhora dos Meninos, que estivera antes na sé, tinha sido transferido para o bairro popular e, em seu lugar, foi entronizada, na catedral, Nossa Senhora do Rosário.

Depois da ponte, a rua subia até à Capela de São Lázaro. Um pouco adiante, no lugar de Prados, um cruzeiro fazia frente à (...) *estrada publica* (...) que chegava à cidade pelo sul. Era em São Lázaro, que davam (...) *sua primeyra entrada os Excelentissimos Bispos desta cidade vindo a cavallo com capa magna acompanhados do clero, nobreza e povo athe a capella da Senhora do Desterro* (...) ⁹⁷. Marcada a entrada, podia a descrição setecentista afirmar: (...) [e] *do principio athe o fim desta cidade he situada em forma de hũa Lua crescente, da qual faz a ponte Borial a rua da Seara e a ponta Austral a rua de Sam Lazaro. E o meyo corpo o fazem o bayrro da Sé e o Palacio Episcopal. Pelo que vem a ter de comprimento de hũa e outra parte, hum quarto de legoa* (...) ⁹⁸.

A forma de lua crescente era dada pela dinâmica de expansão da cidade a poente. Nessa direção partia da Sé de Lamego um arruamento de casas nobres que levava ao limite do couto, junto à ponte de Porto Cavalhar. Aí, na saída da cidade, onde começava o caminho do monte de Santo Estêvão e a estrada para a serra, D. Manuel de Noronha mandava reedificar a Capela do Espírito Santo⁹⁹. Tal como Nossa Senhora da Esperança, ou as igrejas de São Francisco e da Misericórdia, e a Capela da Senhora dos Meninos, também a Capela do Espírito Santo configurava, de um modo especial, a disposição do seu espaço de acolhimento. Elevava-se a ermida sobre um pátio com escadas, cruzeiro e assentos, em pedra lavrada, e vista desafogada sobre os campos do Coura¹⁰⁰.

O sítio em que assenta Lamego e a sua estrutura urbana predominantemente arruada não favoreciam a criação de espaços públicos bem definidos, de uso comunitário. Seriam as instituições religiosas, as igrejas e os locais das fontes, em programas de edificação a partir do século XVI, mas sobretudo seiscentistas, a formar um particular modo de organização de lugares urbanos — recantos e recintos de mediação entre a rua e a edificação, um adro como espaço aberto delimitado, ou um tabuleiro retirado do plano da rua,

elevado ou rebaixado, configurando espaços de estar, abrigados ou com vistas, procurados conforme as horas do dia e as estações do ano¹⁰¹. A sé teria semelhante disposição já no século XVII¹⁰².

Com o tempo, a ligação antiga da Capela do Espírito Santo a São Francisco e a Almacave daria lugar uma (...) *estrada ou passeio* (...), que dava (...) *sua viztoza entrada por hũa ponte de cantaria* (...) na cidade do castelo. A nascente da estrada junta-se, c. 1702, o Recolhimento de Santa Teresa, com cerca e uma fonte fresca e aprazível¹⁰³.

Desse modo, não eram apenas as casas grandes a dispor de jardins, hortas e mata, e as parcelas de frente contínua, dos seus eixidos. Acessíveis à população em geral, surgiam numerosos recantos de bem-estar, criando uma tradição inovada quase naturalmente. Esses lugares encontrariam uma expressão evoluída no gesto de rompimento da grande avenida com passeio central, na veiga do Coura, ao encontro do escadório do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios.

Retomando a entrada na cidade, pelo sul, em direção à Sé de Lamego, o percurso seguia pela Capela da Senhora do Desterro, deixando, a poente, uma colina,

já fora do couto, tomada por uma larga propriedade: a quinta e casas de Vila de Rei. A propriedade seria doada, no final do século XVI, à congregação dos Loios, para traslação do convento que a ordem possuía, distante meia légua, em Recião¹⁰⁴. No alto, surgia o novo Convento de Santa Cruz, ao cabo Rua da Pereira que ligava à Praça da Sé¹⁰⁵. O corpo da igreja, integralmente em granito, apresenta uma fachada de desenho severo e proporções de efeito pesado, que não desvela a qualidade da galilé, definida por arcos e gradeamentos que resguardam, em sítio tão exposto e alto, um espaço interior profundo, acolhedor, com bancos, e luminoso, com as paredes caiadas. À vista da galilé estendia-se um terreiro, onde, a partir de 1668, seria concedida a realização de uma feira e de um mercado mensais¹⁰⁶. O lugar de Santa Cruz definia-se em simetria relativamente à posição eminente, de grande visibilidade urbana, tomada pelas novas casas religiosas no Campo do Tablado e, bem assim, à feira e mercado que aí se realizavam, nessa parte da cidade do castelo (fig. 5).

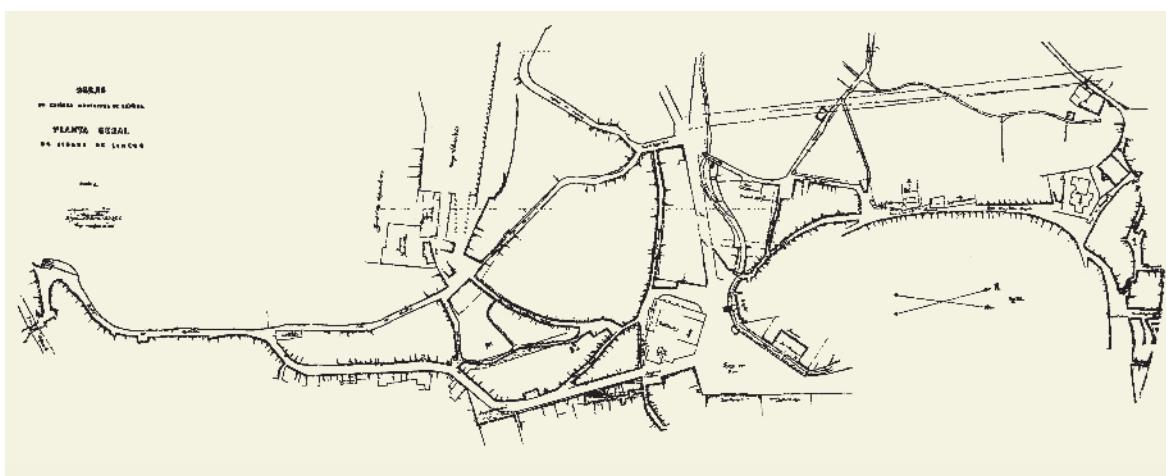
O início da obra dos Loios, em 1596, coincide com a publicação da *Symmaria Recapitulçam*, do cônego magistral e leitor da sé. Poder-se-ia ler na imagem

13 | Planta da Cidade de Lamego Levantada pelo Cap^m. Eng^o. Maximiano José da Serra, em 1791. Direção-Geral do Território.





14 | Lamego, rossio da sé, início da avenida central, à direita o antigo Hospital da Misericórdia, com uma ponte sobre o rio Coura, em canal aberto. Fotografia de M. Garcia Pinto Amador, c. 1886-1897. Arquivo Municipal de Lamego, Fundo Francisco Laranjo.



15 | Lamego, Obras da Camara Municipal de Lamego, Planta Geral da Cidade de Lamego, 1876. Coleção Albano Vaquero.

arquitetónica de Santa Cruz e na aparência exterior da ala do claustro da sé, levantada por D. Manuel de Noronha, como que um espelho das virtudes dos Lacónios, dos quais Manuel Fernandes estimava proceder a gente natural Lamecense, e um sinal de bom governo, com (...) *virtudes, prudência, sabedoria & inteireza* (...), e da excelência de uma nação de vida honesta, que (...) *foy serê modestos, graves, castos, prudêtes, & brevíloquos* (...). Especulando sobre remotas e continuadas relações que ligavam o destino de Lamego ao interior peninsular das Espanhas, talvez fosse essa a expressão de um sentir e de um gosto, na cidade filipina, em tempo de contra-reforma. (...) [C]onvem às cidades serem fortalecidas, nam de pedras, mas de virtudes (...) ¹⁰⁷.

Do terreiro de Santa Cruz seguia um passeio aprazível até ao monte de Santo Estêvão e à Capela de Nossa Senhora dos Remédios. Esta tinha sido reedificada e mudada de sítio, em substituição da antiga ermida, com o orago do santo, que fora erigida pelo bispo D. Durando, no alto do monte, no século XIV. Colocada sob invocação mariana¹⁰⁸, e trasladada para uma posição na encosta, integrada no horizonte visual do centro da cidade, a capela com alpendre (fig. 5), e um largo pátio com fontes tornavam-se lugar de muita frequência, por devoção e por divertimento¹⁰⁹. Seria

o princípio de uma dinâmica de movimentos que encontraria expressão arquitetónica no novo santuário e no escadório do monte¹¹⁰.

Mais do que outros cumes das serras em volta de Lamego, o alto dos Fragões, sobre a cidade, assinalado pela Capela de Nossa Senhora dos Remédios e Santo Estêvão, e conjuntamente as águas do rio Coura, que se aproximavam do sopé da encosta e pareciam brotar do monte, compunham a imagem feraz da veiga confluindo no sítio da sé.

Em sentido norte-sul, na planta de 1791 (fig.13), um sombreado reforça a leitura das vertentes, e acentua um limiar de abrupto declive, que se estende desde o sopé do castelo e do plano do paço episcopal, aproximadamente até à Capela de Nossa Senhora do Deserto¹¹¹. A sombra das elevações do castelo e do alto de Santa Cruz acompanha aquela linha, em paralelo

a curta distância para ocidente. A meio abre-se o vale do Coura, que, numa última ansa, chamando-se rio da Preguiça, desenha a volta que o precipita no sítio das Lajes, nome que passa a adoptar na declivosa corrida ao encontro do rio Balsemão. Tinha sido aquele lugar central e posição mediadora, na paisagem, o escolhido para implantar a sé, obra iniciada por D. Afonso Henriques. Tomava, então, a invocação principal de Santa Maria, enquanto buscava o fio que

16 | Lamego, Avenida D. Maria Pia (atual Avenida 5 de Outubro). Postal ilustrado, c. 1910. Arquivo Municipal de Lamego, Fundo Francisco Laranjo.





17 | Lamego, Bairro da Sé, visto a partir do castelo. Fotografia de Manuel Pinheiro da Rocha, c. 1950-1965. Centro Português de Fotografia.

18 | Lamego, vista sobre a Avenida Central, com São Domingos de Queimada, ao longe. Fotografia de José Gouveia Gomes Júnior, 1927. Centro Português de Fotografia.



a unia à tradição, mantendo, igualmente, a dedicação a São Sebastião, em memória do orago da antiga capela, que existia no sítio¹¹². Juntar-se-ia o paço do bispo, sobranceiro ao vale, com os seus terraços quinzentistas, com horto e jardim.

Na realidade, a posição da sé inscrevia-se numa relação axial com o monte de Santo Estêvão e a Capela de Nossa Senhora dos Remédios, que tinha já, em Lamego, um princípio mais antigo e de maior impacto na paisagem. Estendia-se esse alinhamento e rematava num outro (...) *monte daquele Horizonte o mais elevado, a quem deo glorioso nome, ainda que a menos tempo, a antiga capella da milagrosissima Imagem de Sam Domingos de Queimada, que lhe serve de coroa, e a mais vigilante sentinela* (...) (fig. 18). Monte onde teriam (...) *feito assento os dittos Lacedemonios, com alguns Celtas da Gallia Transalpina* (...) ¹¹³. *Urprinzip* de remota impetração de fertilidade das gerações¹¹⁴, na segunda oitava do Santo Espírito¹¹⁵, ia a cidade em peregrinação à capela, a procissão (...) *acompanhada do Senado e de hũa pessoa de cada caza, assim desta cidade, como do seo termo, por ser procissão Real e votto do Cabbido* (...) ¹¹⁶. Mas já Rui Fernandes notava, no seu tempo, uma mudança na forma como a devoção era celebrada: (...) *[v]ão lá com todos os moradores da cidade, ainda que previlligados sejam, muita gente de cavallo e muita de pé. Lá tinham hum grande jantar que ora se tirou polla Ordenação* (...) ¹¹⁷.

De nascente, do alto de São Domingos, descobre-se a cidade na crista de elevações, como uma varanda debruçada sobre a paisagem. Um cordão de povoamento alongado, aderente à morfologia da paisagem, na passagem de talvegues entre os montes circundantes. O meio cruzado por duas coordenadas: a antiga construção artificiosa da paisagem olhando o céu na terra — a forma da cidade em *lua crescente* —; e uma outra inscrita numa precisa hagiotoponímia enunciada através de um alinhamento de lugares imaginado e real — o monte das Fráguas, Santo Estêvão e Nossa Senhora dos Remédios, Espírito Santo, Sé, o Paço Episcopal e São Domingos de Queimada¹¹⁸.

O sítio da Capela do Espírito Santo marcava, na extrema do couto ducentista, o lugar de chegada à cidade, com o encaminhamento para a sé, e o vistoso passeio de Seiscentos, que dava entrada na cidade alta. Na segunda metade do século XIX, ali convergia uma nova alameda. Tinha sido aberta, desde o rossio da sé (fig. 14), cortando quintais e hortas, até à cerca e Recolhimento de Santa Teresa, com o seu recanto fresco e a fonte, entretanto desaparecidos. No remate do percurso sombreado, a instalação de um salão e um teatro prometia divertimento, a que se associava, um pouco mais adiante o jogo da bola setecentista. Com o tempo, o campo do Coura, como natural passeio de esparecimento começava a urbanizar-se. Junto à ponte de Porto Cavalor, surgia, em 1876 o projeto de rompimento de uma nova avenida, que alinhava frente à Capela do Espírito Santo e apontava a intenção de ligar à cidade alta (figs. 15, 16).

O primeiro lance cortava, em longo declive reto, os jardins e a cerca do antigo Convento dos Capuchos, e o ribeiro das Nazes¹¹⁹. O plano incluía também um esboço de direções alternativas para dar continuidade à alameda, a partir da Capela do Espírito Santo. Representam o estudo de um novo acesso viário ao Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, ou da continuação da alameda ao encontro do escadório¹²⁰.

Ao tempo, a qualidade do lugar central da cidade começava a ser profundamente alterada. No final do século encerrava o hospital da Misericórdia (1892)¹²¹; e, poucos anos depois, em 1897, um incêndio devastava o edifício setecentista. Seria reconstruído, conservando a fachada, e convertido em teatro, inaugurado em 1929. O Seminário Diocesano, antigo Colégio de São Nicolau, deu lugar à messe militar¹²². Com a implantação da República, o paço episcopal é confiscado¹²³; nele se instala o Museu de Lamego, criado em 1917. Os terraços são alienados e o jardim entra no domínio público, nele se instalando o Tribunal e uma central de camionagem (figs. 7 e 10)¹²⁴. Entretanto concretizara-se o prolongamento da avenida, implicando, em 1920, o encanamento do rio Coura (figs. 18 e 19).

A cidade de Lamego atualizava-se à imagem (inter) nacional dos grandes eixos de composição urbana. Em arquitetura, objetivava-se uma ideia de desenvolvimento e progresso, à luz de uma nova centralidade cívica, da agricultura, e do comércio e indústria.

(...) *[E]m Lamego nascido já hum mundo, sobre outro mundo, que sepultou o antigo* (...) ¹²⁵ quanto obliterava, em esquecimento, a consideração da terra, e a sacralidade dos lugares que tinham sido origem de povoamento arcaico, e razão de assentamento da cidade.

Marta M. Peters Arriscado de Oliveira

Arquiteta

Faculdade de Arquitetura / Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo – Universidade do Porto.

João Luís Marques

Arquiteto

Faculdade de Arquitetura / Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo – Universidade do Porto.

Imagens: 1: DIE/Gabinete de Estudos

Arqueológicos de Engenharia Militar; 2 e 3: FAUP/

Centro de Documentação em Urbanismo

e Arquitetura, Fundo Arménio Losa; 4: DGLAB/

Arquivo Nacional da Torre do Tombo; 5: Ecletica

Leilões. Nuno Gonçalves, s. d.; 6, 14 e 16: CML/

Arquivo Municipal de Lamego, Fundo Francisco

Laranjo; 7, 10: autores, com Jorge Alves;

11: autores, 2020; 8: DGPC/DADB/Sistema de

Informação para o Património Arquitetónico;

9, 12, 17 e 18: DGLAB/Centro Português

de Fotografia; 13: DGT; 15: Coleção particular

Albano Vaquero; 19: Centro de Informação

Geoespacial do Exército.



19 | Lamego, vista aérea, c. 1937-1957. Centro de Informação Geoespacial do Exército.

NOTAS

Os autores agradecem pelo apoio na leitura de documentos históricos, cedência de imagens e apoio prestado, a Armanda Abreu, Armando Rica, Fernando Cabral, João Luís Fontes, Jorge Alves, Manuela Vaquero, Nuno Gonçalves; Câmara Municipal de Lamego, Arquivo Diocesano de Lamego, Arquivo Municipal de Lamego, Museu de Lamego, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

- ¹ DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, t. 19, liv. 1, 1758, (42) fl. 349. Memória 42: Sé, Lamego.
- ² Manoel FERNANDEZ — *Summaria Recapitulçam da Antiguidade da Sé de Lamego, Bispos, & Christandade Della; & da Sua Nobreza* (...). Lisboa: Manoel de Lyra, 1596. In Joaquim Correia DUARTE — *Lamego. A Diocese em Três Histórias...*, pp. 19-41. Manuel Fernandes (1528-1598) foi provido cônego magistral, por D. Manuel de Noronha, bispo de Lamego (1551-1569), num concurso de 1565. O autor dedica a obra a D. António Teles de Meneses, bispo de Lamego (1580-1596). Joaquim de AZEVEDO — *Historia Ecclesiastica da Cidade...*, p. 265.
- ³ Rui FERNANDES — *Descrição do Terreno ao Redor...* A obra é dedicada a D. Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos, bispo de Lamego (1513-1540).
- ⁴ Significativa, ainda que considerada sem fundamento histórico, é a construção da ideia de Lamego como possível fundação grega relacionada com um movimento de colonização de Lacónios (Espartanos), em direção à Cantábria, na interpretação de um passo de Estrabão, *Geografia*, liv. 3.3.6, (...) [diz-se que alguns dos que habitam junto ao rio Douro vivem à maneira lacónica (...)]. Jorge DESERTO; Susana da Hora Marques PEREIRA — *Estrabão. Geografia. Livro III...*, p. 63. É desse modo que o doutor Manuel Fernandes, apoiado em autores gregos, latinos, e medievais, e do renascimento, referindo Vaseu, seu mestre em Salamanca, e André de Resende, disserta sobre os (...) *antiquíssimos fundadores, que foram Gregos, dos quais a gente natural de Lamego procede* (...). Manoel FERNANDEZ — Ob. cit., p. 26. Já a referência aos *Colarni*, entre os povos da Lusitânia citados por Plínio IV 118, e mencionados por Resende (a situar na região de Lamego, se coincidem com os *Colarni* que aí habitavam — inscrição CL II 6199 integrada na capela de São Pedro de Balsemão), não seria retomada na *Summaria Recapitulçam*, nem nas *Memórias Paroquiais*. Os *Colarni* surgem entre os povos chamados a contribuir para a construção da ponte de Alcântara, segundo a inscrição CIL II 760 afixada no arco, que foi reproduzida por Francisco de Holanda. Para uma identificação do território dos *Colarni*, com provável capital em Lamego, cf. mapa, em Jorge ALARCÃO — “O território dos Paesuri e as suas principais povoações”. *Conimbriga*, 2005, n.º 44.
- ⁵ José de Pina Manique e ALBUQUERQUE — *Lamego: Raízes Históricas*, p. 3.
- ⁶ Resende cita a *Crónica do Mouro Rasid*. André de RESENDE — *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, pp. 150-151.
- ⁷ O bispo de Lamego mais antigo conhecido, Sardinário, assiste ao II Concílio Bracarense, em 572. No *Parochiale*, as dioceses de Lamego, Viseu, Coimbra, Egitânia e Magnetense, da Lusitânia, não integram a igreja metropolitana emeritense da Vetónia; reorientam-se a norte, sendo a *Callaecia* dividida nos sínodos de Lugo e de Braga. Joaquim Veríssimo SERRÃO — “Projecção cultural do bispado de Lamego”. *Beira Alta*, jan.-mar. 1977, vol. XXXVI, fasc. I, pp. 16-17. Todavia, com a monarquia visigoda, o vínculo de Lamego a Mérida seria retomado em 653.
- ⁸ *Monachi silensis chronicon*, cit. in A. de Almeida FERNANDES — *A Conquista de Lamego aos Mouros...*, p. 15.
- ⁹ Segundo tradição persistente, as cortes teriam reunido na capela de São Miguel, da Igreja de Almacave. Não subsistem documentos, como também não subsiste a primeira carta de foral, que teria sido atribuída à cidade em tempo coevo do foral de Viseu (1123).
- ¹⁰ Além do Couto da Sé, contavam-se os coutos de Resende, Mesão Frio, Valdigem, Sande, Medelo, Santa Cruz, Salzedas, Britiande, Ferreirim e Leomil. M. Gonçalves COSTA — Ob. cit., vol. I, p. 328.
- ¹¹ M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, p. 294.
- ¹² DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614. *Tombo das propriedades maninhos heranças e rendas que pertencem à muyto nobre e leal cidade de Lamego* (...), 1530, fls. 16-16v., gav. 25, mc. 4, n.º 20, doc. 1; Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 103.
- ¹³ Em 1555, uma relação apresentada pelos moradores do castelo, redigida pelo escrivão da câmara, contestava a mudança do itinerário da procissão do Corpo de Deus, que deixou de passar em São Salvador, alegando (...) *que era a mais antiga igreja e a primeira nessa cidade depois da tomada aos infiéis, e see de cristãos* (...). M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. II, p. 24. Após a reconquista da cidade por Fernando Magno, em 1057, igrejas da região, entre as quais a de Almacave, que teria sido a primitiva sé, do tempo do reino suevo, seriam reconstruídas com trabalhos forçados de mouros. Cf. “*Monachi silensis chronicon*”, in A. de Almeida FERNANDES — Ob. cit., p. 15. A capela foi reconstruída no século XVIII com alteração de dedicação a Nossa Senhora da Paz.
- ¹⁴ DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614. *Tombo das propriedades maninhos heranças e rendas que pertencem à muyto nobre e leal cidade de Lamego* (...), 1530, fl. 17.
- ¹⁵ *Idem*, *ibidem*, fls. 15v.-17v.
- ¹⁶ M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, p. 297.
- ¹⁷ A edificação situava-se no limite da cidade em relação com o campo. Sempre que o tempo estava mau para a agricultura, a imagem da *Virgem com o Menino* era levada em procissão de preces. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. III, p. 473.
- ¹⁸ Em 1317 os oficiais de Lamego reuniam (...) *no concelho ao balcão* (...); a menção do paço do concelho data de de 1357. O paço, ou audiência dos tabelães, surge documentado em 1319. Anísio Miguel de Sousa SARAIVA — “A inserção urbana das catedrais medievais portuguesas: o caso da catedral de Lamego”. *Revista Portuguesa de História*, 2003, vol. 1, n.º 36, p. 168.
- ¹⁹ Manoel FERNANDEZ — Ob. cit., p. 31.
- ²⁰ DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614. *Tombo das propriedades maninhos heranças e rendas que pertencem à muyto nobre e leal cidade de Lamego* (...), 1530, fl. 8v.
- ²¹ A Torre da Relação ligava, por cima do muro, ao relógio, com o seu caramanchão dos pesos. DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614. *Tombo dos bens foros e propriedades que pertencem ao concelho desta cidade de Lamego que se fes por mandado do muy alto e poderoso Rey dom Phellippe o segundo de Portugal* (...), 1614, fl. 2.; M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. V, p. 527.
- ²² Ao longo do muro da barbacã, da Porta dos Figos até à porta da couraça, desenvolvia-se uma correnteza de casas adossadas ao muro e voltadas à praça. DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614. *Tombo das propriedades maninhos heranças e rendas que pertencem à muyto nobre e leal cidade de Lamego* (...), 1530, fl. 4.
- ²³ Conformados segundo a circunstância dos lugares, mas conjugando características de instituição debruçada sobre a muralha, ou adossada, em ligação com a praça, são exemplos, as vilas de Moura e de Penamacor; relativamente a um lugar de audiência, em alpendre, junto à cerca, a vila de Ouguela, segundo representação de Duarte de Armas.
- ²⁴ Com a constituição do Couto da Sé e a duplicação de espaços públicos e equipamentos urbanos, a praça passaria a ser denominada Praça de Cima. DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico Português...*, 1758, (42) fl. 234.
- ²⁵ Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 103. O mercado da cidade foi instituído por D. Dinis, em 1290.
- ²⁶ A feira anual de Santa Marinha é instituída por D. Dinis, em 1292. À feira de Lamego acorriam os mouros da Estremadura e de Granada com especiarias orientais; daí partia a distribuição pelo reino, antes do trato da Índia. A feira lamecense seria desfeita por pressão da Guarda, com feira concorrente, e passaria a ter lugar uma feira franca por São Sebastião. A tentativa de reposição da primeira feira fracassa, no século XV, por não terem os oficiais mesteirais do concelho lamecense interposto recurso para acautelar os direitos e interesses da cidade, segundo reparo de Rui Fernandes. Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 106; M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, pp. 518-519.
- ²⁷ Joaquim de AZEVEDO — Ob. cit., p. 79.
- ²⁸ DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614. *Tombo das propriedades maninhos heranças e rendas que pertencem à muyto nobre e leal cidade de Lamego* (...), 1530, fl. 15.
- ²⁹ O autor denomina Campo do *Tablado*, e descreve os torneios, a (...) *que chamavam bohordear ou lançar a tablado* (...). Em Quinhentos, a forma do campo era alongada, numa proporção múltipla de pouco menos de 3:1. Manoel FERNANDEZ — Ob. cit., pp. 33-34.
- ³⁰ A vista da cidade integra o álbum de desenhos *TYPUS Provinciae* (...), pertencente a coleção particular. Foi publicada num catálogo da *Ecletica Leilões* (2013), e reproduzida em Alexandra FALCÃO — “O (des)conhecido sallam de pinturas do Paço Episcopal de Lamego”. *Remodelação do Salão Nobre...*, p. 12.
- ³¹ A fundação do convento, com a invocação das Cinco Chagas, deve-se ao bispo D. Luís de Sousa, que alcança a transferência de religiosas do convento de Monchique, Porto (entre as quais seis de sete irmãs suas freiras clarissas), e de outras comunidades. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. IV, pp. 637-641.
- ³² O cano foi descoberto a 20 pés de profundidade. Manoel FERNANDEZ — Ob. cit., pp. 35, 37.
- ³³ A igreja estaria concluída cerca de dez anos mais tarde, em meados do século XVII. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. IV, pp. 585-586. A vista de Lamego representa a igreja com telhado, mas não dá sinal do mirante do Convento das Chagas e do Recolhimento de Santa Teresa, e ainda representa a sé com a porta principal mainelada, pelo que poderá ser datada da segunda metade do século XVII, e anterior a obras de inícios do século XVIII.
- ³⁴ O cruzeiro monolítico, assente num pedestal com degraus, teria 31 palmos de altura. Seria mandado demolir pela vereação, em 1848, e apeado em 1853. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. V, p. 528.
- ³⁵ Joaquim de AZEVEDO — Ob. cit., p. 296.
- ³⁶ M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. V, p. 397.
- ³⁷ Inclusive uma freira, soror Maria da Cruz (falecida antes de 1617), dedicava-se a dar aulas públicas de canto e de rabeção, sendo ainda pintora e douradora, com trabalhos executados para a capela do Desterro, erigida à sua custa no claustro, incluindo imagens de vulto que esculpiu para a mesma capela, a qual foi desmontada, e, juntamente com espólio do convento, encontra-se em exposição no Museu de Lamego. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. III, pp. 342, 350; *Idem*, *ibidem*, vol. IV, p. 652.
- ³⁸ A demolição do pelourinho votada pela câmara, em 1853, concretiza-se em 1875. A denominação da praça será alterada sucessivamente. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. V, p. 528, n. 3.
- ³⁹ Desse modo se intitula em 1874; subsequentemente muda de nome. *Idem*, *ibidem*, vol. V, p. 529, n. 4.
- ⁴⁰ Obra devida ao visconde de Valmor (1854). *Idem*, *ibidem*, vol. V, p. 529, n. 6.
- ⁴¹ Entre o muro do castelo e a barbacã, o pintor Bastião Afonso trazia, em 1530, um eixido com árvores, por detrás de suas casas. DGLAB, ANTT, *Tombo dos*

Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego, 1530 e 1614. *Tombo das propriedades maninhos heranças e rendas que pertencem à muyto nobre e leal cidade de Lamego* ..., 1530, fl. 19v.

⁴² *Idem*, *ibidem*, fl. 4.

⁴³ A imagem é colocada no exterior da capela-mor, em 1615; o cruzeiro, desmontado em 1837, encontra-se exposto no Museu de Lamego. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. III, p. 456.

⁴⁴ Em 1593, quando se principiaram as fundações para uma capela, junto à porta meridional da igreja, foram achadas arcas de sepulturas e moedas, na altura identificadas como sendo dos séculos III, IV e VI. Manoel FERNANDEZ — Ob. cit., pp. 37-38. Em 1750, nas obras de reedificação da capela-mor, achou-se uma inscrição latina, em mármore, entre o entulho removido do altar-mor antigo; a pedra seria colocada na parede da ousia, (...) *para a parte do Nascente* (...). DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, t. 19, liv. 1, 1758, (42a) fl. 365.

⁴⁵ Almacave (*al-maqbara*), com o significado de cemitério.

⁴⁶ Entre outras villas, que se reorganizam após a reconquista cristã, referidas nas inquirições, contava-se o antigo fundo agrário de Medelo, em relação com o castro de Penude, e a villa *Lamecus*, em relação com o castro romanizado do Castelo, que se tornara sede de uma civitas. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, pp. 46-47. Joaquim Veríssimo SERRÃO — Ob. cit., p. 19. A villa Lamecus teria sido cadastrada como unidade agrária no século III. Maria João Queiroz ROSEIRA — *Lamego: um Passado Presente*, pp. 20-21.

⁴⁷ Manoel FERNANDEZ — Ob. cit., p. 36.

⁴⁸ Em 1530 é mencionado o *canto* onde esteve a porta da judiaria. DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614. *Tombo das propriedades maninhos heranças e rendas que pertencem à muyto nobre e leal cidade de Lamego* ..., 1530, fl. 13. As plantas de 1791 e cópia de 1818 apenas assinalam uma rua estreita, mas uma viela concorre com a primeira, no gaveto. Entre os moradores da judiaria nova, contavam-se tintureiros, ferreiros, ourives e físicos (um deles, físico do duque de Bragança). Alguns nomes de judeus sugerem uma proveniência castelhana, nomeadamente de Toledo. Anísio Miguel de Sousa SARAIVA — Ob. cit., p. 168. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, pp. 462, 463; *Idem*, *ibidem*, vol. IV, pp. 15-16.

⁴⁹ DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico Português*, 1758, (42a) fl. 356. No tanque (...) *podiam beber, simultaneamente, 12 cavalos* (...). M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. V, p. 530.

⁵⁰ Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 76. O circuito de duas léguas reconhecia a ligação de certas povoações de Além Douro a Lamego, como Mesão Frio e Peso da Régua, entre outras, com origem na organização de territórios, no tempo da reconquista (até ao século XI). Mesão Frio e Peso localizavam-se em vias de ligação estratégica, respetivamente a Entre-Douro-e-Minho, e a Trás-os-Montes pelo vale do Tâmega.

⁵¹ (...) *Suas falas são diferentes das nossas, são falas muito grosseiras, vestem burel, e calção avarcas, que são feitas de correa de vaca, e alguns andão sem carapussos, e os homens e as mulheres pola mor parte são de consciencia, e cação assim homens, como mulheres de trinta anos para riba, e isto pola mor parte, e enquanto nom som cazados nom tem sobrenome, e ainda muito depois de cazados. (...) nom bebem vinho por na terra nom se dar, somente algua ora se o bebem hé por acerto; nom comem senom leite, e pão de centeo o mais das vezes, dado que outras vezes comem carne porque na dita serra nom se da senom muitos e mui fermozos centeos, e da eyra tirão o pão para semear; e elles semeão no fim de Julho, e as mulheres malhão, de maneira que o pão esta sempre hum arno nos campos. São grandes lutadores, os homens e as mulheres, de muita força* (...). Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 91. No século XVIII, Joaquim de Azevedo ainda lembrava um uso, entretanto desvanecido, que se dava junto à capela de São Sebastião, no Campo do Tablado, antes da fundação do Convento das Chagas: (...) *[a]hi os serranos faziam sua lucta, com assistencia da camara, em que o vencedor ganhava uma fogaça* (...). Joaquim de AZEVEDO — Ob. cit., p. 79.

⁵² DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico Português*, 1758, (42) fl. 234.

⁵³ Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 76. Bronseval, que pousou em Lamego, no inverno, daria uma outra imagem coeva: (...) *[e]sta cidade ergue-se entre montanhas rudes, numa pequena elevação, rodeada de cursos de água. É uma terra sem importância e mal construída. (...) depois saímos desta terra cheia de judeus e marchámos perto de duas horas numa região de montanhas. Subimos a uma alta elevação e descemos depois até a uma pequena terra onde atravessámos o Douro de barco* (...). Joaquim Veríssimo SERRÃO — Ob. cit., pp. 24-25. Também António Carvalho da Costa escreveria: (...) *entre profundas serras tem seu assento a Cidade de Lamego, a qual não se descobre, senão depois que se chega a ela, por estar em sitio bayxo, & mal assentada* (...). António Carvalho da COSTA — *Corografia Portuguesa, e Descrição*..., vol. 2, p. 238.

⁵⁴ Tal era a produção da terra, que os porcos eram cevados a castanha e figos, dando as (...) *mais saborozas, e mais carnes* (...) e os melhores fumeiros. Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 81.

⁵⁵ Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 106. Nove judeus surgem como foreiros de vinhas, no tombo coordenado pelo deão, em 1496. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, p. 377.

⁵⁶ *Idem*, *ibidem*, vol. I, p. 501. O tombo de 1530 informa sobre vários pelames e uma tanaria, distribuídos por arrabaldes da cidade alta. DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614, *Tombo das propriedades maninhos heranças e rendas que pertencem à muyto nobre e leal cidade de Lamego*, 1530, fls. 13, 10v., 11, 12v., 23, 23v.

⁵⁷ O trato dos bordates que se (...) *soiaom a trazer de França, e agora se fazem nesta cidade e circuito, que he muito bom para a dita terra porque na dita cidade*

e circuito averá duas mil tecedeiras de pano de linho e [de] estopa as quais tecem aqui os ditos bordates (...). Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 102. Com a retoma da importação de tecidos de França, por decisão do rei, a indústria de lonas e bornates de Lamego entra em colapso.

⁵⁸ M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, p. 108.

⁵⁹ Anísio Miguel de Sousa SARAIVA — Ob. cit., p. 162. D. Mendo surge como subscritor de documentos régios de concessão de privilégios aos mosteiros cistercienses da diocese, situação que se revelaria limitadora dos rendimentos da Sé de Lamego. Maria do Rosário Barbosa MORUJÃO — “A organização da diocese de Lamego: da reconquista à restauração da dignidade episcopal”. In Anísio Miguel de Sousa SARAIVA (coord.) — *Espaço, Poder e Memória*..., p. 41. J. Serrão ressalta a (...) *importância da diocese de Lamego, que não se circunscrevia à sede do bispado, pois englobava mosteiros e igrejas que, em muitos casos, dispunham de mais rendimentos que a própria Sé lamecense* (...). Joaquim Veríssimo SERRÃO — Ob. cit., pp. 20-21.

⁶⁰ M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, p. 218.

⁶¹ O Convento de São Francisco era de claustrais. No local ter-se-ia instalado, anteriormente, um convento de Clarissas, por breve tempo, c. 1253 (convento fundado inicialmente em Cambres). A comunidade de religiosas logo seria transferida para o Convento de Santa Clara de Santarém. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. II, p. 565.

⁶² Com frequência é indicada a medida de 9 varas, reduzindo-se a profundidade na aproximação à Porta do Sol. Havia dentro do muro do castelo uma (...) *pedra mijadeira* (...) tomada como referência na descrição de propriedades da cidade. DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614. *Tombo das propriedades maninhos heranças e rendas que pertencem à muyto nobre e leal cidade de Lamego*, 1530, fl. 6v.

⁶³ M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, pp. 502-503.

⁶⁴ A Misericórdia instala a sua sede provisória no Convento de São Francisco e toma à sua conta o hospital velho, junto à ponte da olaria, na margem esquerda do Coura. A construção da igreja, conjunta ao edifício dos religiosos Capuchos, apenas irá avançar em 1597, após doação de bens e uma capela. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. III, pp. 318, 388-389. Em 1911, um grande incêndio atinge a Rua de Almacave, determinando a ruína e a demolição de numerosos edifícios, incluindo a igreja da Misericórdia, que seria transferida para a igreja do antigo onvento das Chagas.

⁶⁵ Após a passagem à custódia da Província de Santo António dos Observantes Reformados, em 1567-1568, têm início obras de reconstrução do convento, que ainda continuam na centúria seguinte; a igreja é transformada a partir do final de Seiscentos e inaugurada em 1711. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. IV, pp. 566-568.

⁶⁶ A imagem era de pedra pintada. DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico Português*, 1758, (42) fl. 250. (...) [O] *couto principiava na rua da Orlaria, por sima da ponte por onde se passa o rio coura, aonde ahinda de prezente há hum marco e hindo a fonte Cavallar, subia pela rua da Mazeda athe a quinta ou cerca que agora he dos religiozos de Santa Cruz, e descendo direyto ao rio Balcemão, continuava pela veyra de agoa athe o Vau aonde recebe em si o coura e dahi pelo rio coura assima athe aonde principia a demarcação* (...). *Idem*, *ibidem*, fl. 311. Cf. Planta com a delimitação do couto da sé. Maria João Queiroz ROSEIRA — Ob. cit., s. p.; Anísio Miguel de Sousa SARAIVA — Ob. cit., p. 192.

⁶⁷ DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico Português*, 1758, (42) fl. 250.

⁶⁸ O rossio ia ao longo do rio, e tinha 84 varas de comprido e 60 de largo. DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614. *Tombo dos bens foros e propriedades que pertencem ao concheil desta cidade de Lamego que se fes por mandado do muy alto e poderoso Rey dom Phelippe o segundo de Portugal* (...), 1614, fl. 2v.

⁶⁹ Inquirições de D. Afonso III, segundo DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico Português*, 1758, (42) fl. 311. Ainda em 1205 teria participado numas corridas de touros. O rossio das almargens seria convertido em almuinhas. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, pp. 110, 299.

⁷⁰ D. João Vicente (1380-1463) era mestre em Artes e Medicina, foi professor nos Estudos Gerais, e físico-mor do reino. Seguiria a vida eclesiástica, tornado-se um dos fundadores da Congregação dos Cônegos Seculares de São João Evangelista. Em tempo de regência do infante D. Pedro, acompanha a infanta D. Isabel na sua ida para Borgonha. Regressa por Roma, onde assiste o papa Martinho V. Desempenha missões diplomáticas em Castela. Em 1449 é chamado a proceder à reforma da Ordem de Cristo, pelo infante D. Henrique. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, pp. 201-211.

⁷¹ M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. II, p. 29.

⁷² Em 1437, o mestre de obras João Domingues morava em Lamego, no Castelo. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, p. 210; *Idem*, *ibidem*, vol. II, p. 29.

⁷³ D. Fernando Vasconcelos (1480-1564) era sobrinho de D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, e de D. Jorge de Almeida, bispo de Coimbra. Estudou e professou no Mosteiro de São Vicente de Fora; foi discípulo de D. Diogo Ortiz de Villegas, cosmógrafo-mor do reino. Foi prior-mor do mosteiro vicentino e reitor eleito dos Estudos Gerais (1528-1529). Desempenhou altos cargos no reino desde o tempo de D. Manuel I à regência de D. Henrique. Foi capelão-mor de D. Manuel I; pertenceu ao Conselho de D. João III; foi capelão-mor de D. Catarina. Por morte do cardeal infante D. Afonso, em 1540, é elevado a arcebispo de Lisboa. Em virtude dos altos cargos que desempenhou na Igreja, no curso da sua vida, e das funções exercidas no reino, junto da casa real e na corte, não foi um pastor com residência continuada na diocese, contudo não deixou de cuidar o seu bispado, no longo governo de vinte e sete anos.

- Ana Isabel BUESCU — “Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos (1540-1564)”. In João Luís Inglês FONTES; António Camões GOUVEIA (coord.); Maria Filomena ANDRADE (coord.); Mário FARELO (coord.) — *Bispos e Arcebispos de Lisboa*, pp. 575-584.
- ⁷⁴ Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 97.
- ⁷⁵ Empreitada, em 30 de julho de 1526. Vergílio CORREIA — *Vasco Fernandes, Mestre...*, pp. 128, 129.
- ⁷⁶ A obra das portas ainda decorria em 1720. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. V, pp. 580-581.
- ⁷⁷ Deverá tratar-se da edificação demolida pelos Monumentos Nacionais, em 1955. A passagem citada não pode confundir-se com uma referência aos (...) *muy fermosos paços caídos* (...) do conde de Marialva, nem ao castelo, onde dentro (...) *estão os prezos* (...), ou a sua torre com a (...) *muy fermoza janella d’assento* (...), edificações mencionadas pelo autor, no mesmo contexto. Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 103.
- ⁷⁸ Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 103.
- ⁷⁹ DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, *Livro Primeiro do Tombo de todos os Bens, Rendas, Foros, Dízimos e Regalias pertencentes à Excellentíssima Mitra deste Bispado de Lamego* (...), [1776], liv. 6, fl. 21v..
- ⁸⁰ DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fl. 258.
- ⁸¹ DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, *Livro Primeiro do Tombo de todos os Bens, Rendas, Foros, Dízimos e Regalias pertencentes à Excellentíssima Mitra deste Bispado de Lamego* (...), [1776], fl. 21v.
- ⁸² DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fl. 259.
- ⁸³ DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, *Livro Primeiro do Tombo de todos os Bens, Rendas, Foros, Dízimos e Regalias pertencentes à Excellentíssima Mitra deste Bispado de Lamego* (...), [1776], fl. 22.
- ⁸⁴ DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fl. 259.
- ⁸⁵ Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 103.
- ⁸⁶ D. Manuel de Noronha (fal. 1569) nasceu no Funchal, filho do 3.º capitão donatário, Simão Gonçalves da Câmara. Joaquim de AZEVEDO — Ob. cit., p. 75. Segundo Viterbo, em 1518 assistiu na corte pontifícia, in M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. III, p. 31.
- ⁸⁷ O dito tanque (...) *he todo com os degraus que tem à Roda do tanque inferior de pedra de jasper* (...). DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, *Livro Primeiro do Tombo de todos os Bens, Rendas, Foros, Dízimos e Regalias pertencentes à Excellentíssima Mitra deste Bispado de Lamego* (...), [1776], fl. 23. A esfera de mármore encontra-se em exposição no Museu de Lamego. Talvez D. Manuel de Noronha se lembrasse do chafariz magnífico, levantado na Praça de São Pedro, que conhecera aquando da sua estada, em Roma, para apresentação a Leão X, com doze anos completos.
- ⁸⁸ O colégio daria lugar ao Seminário Diocesano, que entra em funcionamento em 1801, sendo realizadas obras nos séculos XVIII e XIX.
- ⁸⁹ A livraria pública do paço de Lamego, como sinal do século das Luzes, é coeva da biblioteca arquiépiscopal de Braga, e bem assim da de Évora, que o arcebispo D. frei Manuel do Cenáculo tornaria, por legado, instituição pública, no início do século XIX.
- ⁹⁰ Uma lápide de mármore afixa, na parede da Capela de São Nicolau, o sentido de ação de D. Manuel de Noronha: dota a capela para que nela haja capelães, e (...) *mestre que leia casos de consciencia para cura das igrejas e salvação das almas, anno de 1569* (...). Na escritura de instituição da Capela de São Nicolau, o bispo desenvolveria as providências tomadas para a organização da igreja lamecense e a formação do clero, à luz de um ideário tridentino. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. III, pp. 36-38, 41.
- ⁹¹ A torre românica da sé é acrescentada de um estrato, alçando-se sobre o perfil da cidade para receber os sinos de uma torre sineira mais pequena, desmantelada do lado norte da igreja; nos baixos da torre situava-se a prisão. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. II, p. 37.
- ⁹² Nas imediações da cabeceira da sé situavam-se os celeiros da mitra e do cabido, bem como uma zona de serviços distribuídos pela Rua dos Fornos e imbricadas vielas próximas. Nessa área, uma sucessão de incêndios que ocorre no século XIX e início do século seguinte, irá concorrer para a abertura de uma ligação viária e a rectificação de alinhamentos, no acesso ao terreiro do paço.
- ⁹³ Anísio Miguel de Sousa SARAIVA — Ob. cit., p. 166.
- ⁹⁴ DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fls. 286, 287.
- ⁹⁵ Vide F. J. Cordeiro LARANJO — *Cidade de Lamego: Capela de N.ª S.ª dos Meninos*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, 1990.
- ⁹⁶ Com a sua invocação, na ermida, eram lembrados (...) *os continuos milagres que a Senhora obrava em os meninos daquelle Bayro, que continuamente erão submergidos nas profundas correntes do rio Balcemão e por interceção da Senhora sahyão sãos, e salvos* (...). DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fl. 300. Devemos à senhora professora Doutora Amélia Ferraz (Faculdade de Medicina da Universidade do Porto) a identificação do quadro devocional associado à Senhora da Cadeirinha, em relação com a antiga cadeir(inh)a de partos.
- ⁹⁷ Como em outros lugares de destino importantes da cidade, também o cruzeiro com a imagem pintada do Senhor Crucificado tinha ali o título de *Boa passagem*. Junto à Capela de São Lázaro existiu um hospital de leprosos. DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fls. 301, 302-303.
- ⁹⁸ DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fls. 234-235.
- ⁹⁹ Em 1530, Santo Espírito é dado como referência de localização de um forno, que está acima e pertence ao bispo. DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614. *Tombo das propriedades maninhos heranças e rendas que pertencem à muyto nobre e leal cidade de Lamego*, 1530, fl. 21v.
- ¹⁰⁰ DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fl. 284.
- ¹⁰¹ Como exemplo, os pátios ou adro das igrejas de São Francisco e da Misericórdia, cf. DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fls. 248, 238.
- ¹⁰² (...) *Fica pois esta Igreja Catedral fronteyra ao Poente, fazendo vista a hũa larga rua (...) dando sua ampla entrada por hum comprido e espaçozo adro sobre poucos degraos, rodeado de grades de ferro, com suas entradas guarnecidas de pyramedes, e assentos de pedra lavrada, que he hum dos largos passeyos, muito fresco nas manhans de Verão e soalheiro nas manhans e tardes de Inverno* (...). DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fl. 262.
- ¹⁰³ Junto à cerca, (...) *e encostada a ella pela parte de fora fica hũa fonte, olhando para o Sul, que lança copioza agoa por duas bicas. Para esta se deçe por hũas escadas, em cuja baze fica hum largo patim rodeado de assentos de encosto, tudo de pedra lavrada. He muy fresca e aprazivel esta fonte por the ficar contiguo o relatado riooura* (...). DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fls. 286, 287.
- ¹⁰⁴ O Mosteiro de São Jorge de Recião, de religiosas beneditinas, estava (...) *situado em hum fúnebre, e bayxo valle, junto ao rio Baroza* (...). DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fl. 290. O eremitério, com origem na villa Rhetianus, recebe carta de couto em 1146. O convento dos Loios instala-se em Recião, no século XV, num processo não isento de contencioso movido por duas religiosas, que ali restavam, escudadas por membros influentes da casa de Marialva.
- ¹⁰⁵ A mudança é aprovada por breve do papa em 1595, e as obras começam no ano seguinte. Em 1632, a igreja é inaugurada, porém a obra, realizada com precipitação, teve de ser reconstruída, motivando nova inauguração em 1676. M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. IV, p. 596.
- ¹⁰⁶ M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. V, pp. 669-670.
- ¹⁰⁷ Manoel FERNANDEZ — Ob. cit., pp. 28-29.
- ¹⁰⁸ A capela mandada levantar por D. Manuel de Noronha foi colocada sob a invocação de Nossa Senhora, passando a imagem do primitivo orago de Santo Estêvão para o arco triunfal. DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fls. 296, 295.
- ¹⁰⁹ (...) *E aos Sabbados quase se despoeva a cidade, e seos arredores para irem a ditta capella ouvir missa e rezar a Ladainha da Senhora* (...). No adro tinham sido acrescentadas duas bicas e um tanque, por risco de Nasoni, já em 1738. Era, pois, a capela (...) *muyto frequentada de gente, assim por hirem vizitar a Senhora, como por divertimento, como deliciozo sitio della, coberto da sombra de inumeraveis castanheyros, chopos e alamos, e muito abundante de agoa de varias fontes* (...). DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fls. 296, 295.
- ¹¹⁰ A primeira pedra, segundo o novo projeto do santuário, é lançada em 1750. Em 1777, tem início o projeto dos pátios e do escadório, cujos lances ainda continuam em construção no século XIX.
- ¹¹¹ Tratar-se-á de uma carta elaborada para servir de base para a execução ulterior de cartas com uma representação cuidada e pormenorizada. A planta contém assinalados os pontos de leitura, e alinhamentos visados, tendo como origem postos de observação eminentes, na paisagem urbana (por exemplo, uma torre da igreja de Santa Cruz) e colinas da cidade. Certas triangulações denotam a aplicação do triângulo retângulo 3-4-5, para tomada de medidas e determinação de relações de perpendicularidade. Na utilização de cores seria possível reconhecer instruções do engenheiro militar Manuel de Azevedo Fortes, para a representação de edificações a carmim, e da sombra de vertentes, que deviam ser lavadas a água de tabaco de folha. Manuel de Azevedo FORTES — *Tratado do Modo o Mais Fácil*, Appendix.
- ¹¹² M. Gonçalves da COSTA — Ob. cit., vol. I, p. 84. A ermida estaria ligada, na origem, a uma comunidade eclesíastica moçárabe, aquando da primeira restauração da diocese no século X (A. de Almeida FERNANDES — Ob. cit., p. 9), ou depois da tomada definitiva da cidade por Fernando Magno, em 1057. Durante o período de domínio muçulmano, teria havido bispos de Lamego refugiados na Galiza; desde o final do século IX, por uma centúria, é conhecida uma sucessão de prelados, todavia não contínua. Junto da corte asturiana, está presente um bispo de Lamego na sagração da Igreja de San Salvador de Valdedios, em 893. Com a reconquista de Coimbra, em 1064, os bispados de Viseu e de Lamego permanecem sob administração da diocese conimbricense. Em 1128, já está presente um arcediogo em Lamego, sobre quem recai a autoridade eclesíástica da diocese. Maria do Rosário Barbosa MORUJÃO — Ob. cit., pp. 17-18, 27-29. Após um período de administração da diocese por Coimbra, D. Mendo é confirmado bispo (1147-1176), os corpos funcionais da mitra e do cabido são constituídos, e começam as obras da catedral e do paço episcopal. Anísio Miguel de Sousa SARAIVA — Ob. cit., pp. 161-162.
- ¹¹³ DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fls. 219-220. São Domingos de Queimada é um dos altos mais importantes do Douro.
- ¹¹⁴ (...) *Ha hi pessoas que nom podem aver filhos, e a elle veo El Rey Dom Affonso antes que ouvece o Príncipe Dom João, e depois veyo El Rey Dom João antes que ouvece o Príncipe Dom Affonso, e assim vem muito grandes senhores* (...). Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 105 (Rui de Pina menciona a ida de D. João II, com a rainha e o príncipe, *Chronica d’El-Rei Dom Joaõ II*, cap. XVI). Segundo a tradição, as virtudes propiciatórias do Santo seriam coadjuvadas pelas propriedades de uma pedra, com o vago feito de um leite, que teria havido a um canto da capela. Virgílio Correia, que era natural de Peso da Régua, na sua primeira visita, em 1912, ainda teria visto vestígios de uma povoação característicos da

Idade do Ferro (...) Estava explicada a origem da pedra procriadora. Vinha de tempos preistóricos a ideia supersticiosa que a envolvia (...). Ao avô perguntara lembrança da pedra, de quando ainda era novo. Virgílio CORREIA — “A capela de S. Domingos de Fontelo”. *Monumentos e Esculturas (séculos XIII-XVI)*, pp. 131, 133.

- ¹¹⁵ Não seria indiferente mencionar a capela com a invocação do Espírito Santo, mandada reedificar por D. Manuel de Noronha, que, em conjunto com a sé, integra o alinhamento axial da Senhora dos Remédios a São Domingos de Queimada.
- ¹¹⁶ DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fl. 282.
- ¹¹⁷ (...) vai o Cabbido, e raçoeiros d'Almacave, e frades onde todos tem renda para esse dia comerem, e assim vão de todos os concelhos a duas e tres legoas deste circuito cada hum a seu voto (...). A procissão parava em Balsemão, recebendo aí o alferes umas ferraduras para o cavalo, e o juiz e cada cônego, determinada quantia do rendimento que o bispo D. Afonso Pires (século XIV) deixara para dizerem um responso sobre a sua sepultura. Rui FERNANDES — Ob. cit., p. 105.
- ¹¹⁸ É significativo que a descrição de Lamego pelo vigário da Sé, em 1758, comece por expor a origem grega da cidade, e logo de seguida relacione com São Domingos de Queimada. DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fls. 219-220.
- ¹¹⁹ Com o traçado reto e perfil elevado, a Avenida Maria Pia cortava a cerca capucha, com suas três capelas e um (...) *dilicioso passeio* (...), onde se divertiam os religiosos. DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, (42) fl. 249.
- ¹²⁰ Ligado ao projeto estava o visconde de Guedes de Teixeira, figura proeminente da cidade, e presidente da câmara em dois mandatos (o último concluído em 1876, data da planta).
- ¹²¹ O encerramento em 1892 coincide com a inauguração do hospital civil na encosta do Monte Santo.
- ¹²² O novo Seminário Diocesano (1961) seria edificado a sul da cidade. Também o Convento de São Francisco passa integrar o património do Ministério da Defesa, e no convento de Santa Cruz instala-se um quartel militar.
- ¹²³ O paço episcopal instala-se numa casa setecentista, junto à igreja de Almacave, onde funcionou a Relação, no século XIX.
- ¹²⁴ Os projetos do Tribunal Judicial (1959-1960), por Januário Godinho, e da Central de Camionagem (1982-1983), por José Carlos Portugal e Carlos Prata (Arménio Losa, Carlos Prata e Henrique Carvalho-Arquitectos). O muro, com assentos, que rematava o terraço do antigo paço episcopal, seria integrado no projeto, em relação com o percurso linear da central. Em 1982, é estudado o traçado de uma variante (não executada), de ligação à entrada sul da cidade, que propunha romper pelos logradouros de casas, e o parque e jardins da Casa das Brolhas, interpondo nova frente urbana de valor paisagístico. O traçado continuava um leito aberto para o Caminho-de-Ferro, de ligação, não concretizada, da Régua a Lamego. Fundo Arménio Losa. FAUP/CDUA; *Páginas Brancas*, 1986, n.º 1, pp. 138-143.
- ¹²⁵ (...) [S]egundo que falando neste cano disse hum famoso pedreiro (...) (referindo-se ao cano descoberto na obra de fundações do convento das Chagas). Manoel FERNANDEZ — Ob. cit., p. 37.

F O N T E S D O C U M E N T A I S

- Direção-Geral do Livro, Arquivos e Biblioteca (DGLAB), Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, t. 19, liv. 1, 1758, (42) fls. 219-350. Memória 42: Sé, Lamego.
- DGLAB, ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, t. 19, liv. 1, 1758, (42a) fls. 351-368. Memória 42: Almacave, Lamego.
- DGLAB, ANTT, Mitra Episcopal de Lamego, *Livro Primeiro do Tombo de todos os Bens, Rendas, Foros, Dízimos e Regalias pertencentes à Excellentíssima Mitra deste Bispado de Lamego* (...), [1776], liv. 6.
- DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614, *Tombo das propriedades maninhos heranças e rendas que pertencem à muyto nobre e leal cidade de Lamego* (...), 1530, Gav. 25, mc. 4, n.º 20, doc. 1.
- DGLAB, ANTT, *Tombo dos Bens Foros e Propriedades da Cidade de Lamego*, 1530 e 1614, *Tombo dos bens foros e propriedades que pertencem ao concheho desta çidade de Lamego que se fes por mandado do muy alto e poderoso Rey dom Phellippe o segundo de Portugal* (...), 1614, Gav. 25, mc. 4, n.º 20, doc. 2.

B I B L I O G R A F I A

- ALARCÃO, Jorge — “O território dos Paesuri e as suas principais povoações”. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2005, n.º 44, pp. 147-171.
- ALBUQUERQUE, José de Pina Manique e — *Lamego: Raízes Históricas*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, 2007.
- AZEVEDO, Joaquim de — *Historia Ecclesiastica da Cidade e Bispado de Lamego (...) e continuada e anotada por um Conego da Sé de Lamego* (século XVIII). Porto: Typographia do Jornal do Porto, 1877.
- BUESCU, Ana Isabel — “Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos (1540-1564)”. In FONTES, João Luís Inglês; GOUVEIA, António Camões (coord.); ANDRADE, Maria Filomena (coord.); FARELO, Mário (coord.) — *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2018, pp. 575-584.
- CORREIA, Virgílio — *Vasco Fernandes, Mestre do Retábulo da Sé de Lamego*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.
- CORREIA, Virgílio — *Monumentos e Esculturas (séculos XIII-XVI)*. Lisboa: Imprensa Libano da Silva, 1919.
- COSTA, António Carvalho — *Corografia Portuguesa e Descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal* (...). Lisboa: na officina de Valentim da Costa Deslandes (...), 1706-1712, 3 vols.
- COSTA, M. Gonçalves — *História do Bispado e Cidade de Lamego*. Lamego: [Officinas Gráficas de Barbosa & Xavier], 1977-1992, 6 vols.
- DESERTO, Jorge; PEREIRA, Susana da Hora Marques — *Estrabão. Geografia. Livro III: introdução, tradução do grego e notas* (Livro 3.3.6). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.
- FALCÃO, Alexandra — “O (des)conhecido sallam de pinturas do Paço Episcopal de Lamego”. *Remodelação do Salão Nobre do Museu de Lamego*. Lamego: Museu de Lamego, 2018, pp. 10-21.
- FERNANDES, A. de Almeida — *A Conquista de Lamego aos Mouros por Fernando I, Rei de Leão, em 1057*. 1.ª ed. *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, out.-nov. 1957. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, 2007.
- FERNANDES, Rui; BARROS, Amândio Jorge Morais (est. introd. transcr. atual. e fix. crít. texto) — *Descrição do Terreno ao Redor de Lamego Duas Léguas* (1531-1532). Porto: Beira Douro. Associação de Desenvolvimento do Vale do Douro, 2001.
- FERNANDEZ, Manoel — *Summaria Recapitvlaçam da Antiguidade da Sé de Lamego, Bispos, & Christandade Della; & da Sua Nobreza* (...). Lisboa: Manoel de Lyra, 1596. In DUARTE, Joaquim Correia — *Lamego, A Diocese em Três Histórias 1596-1789-1878*. Lamego: Diocese de Lamego, 2016, pp. 19-41.
- FORTES, Manuel de Azevedo — *Tratado do Modo o Mais Fácil, e o Mais Exacto de Fazer as Cartas Geográficas, Assim da Terra, como do Mar, e Tirar as Plantas das Praças* (...). Lisboa Occidental: na oficina de Pascoal da Sylva (...), 1722.
- LARANJO, F. J. Cordeiro — *Vultos e Ruas de Lamego*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, 1993.
- LARANJO, F. J. Cordeiro — *Cidade de Lamego: Capela de N.ª S.ª dos Meninos*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, 1990.
- LARANJO, F. J. Cordeiro — *Lamego Antiga*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, 1989.
- MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa — “A organização da diocese de Lamego: da reconquista à restauração da dignidade episcopal”. In SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa (coord.) — *Espaço, Poder e Memória. A Catedral de Lamego, Sécs. XII a XX*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2013, pp. 15-45.
- RESENDE, André de — *Carta a Bartolomeu de Quevedo* (1567). Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1988.
- ROSEIRA, Maria João Queiroz — *Lamego: um Passado Presente*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.
- SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa — “A inserção urbana das catedrais medievais portuguesas: o caso da catedral de Lamego”. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras, 2003, vol. 1, n.º 36, pp. 155-193.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo — “ projecção cultural do bispado de Lamego”. *Beira Alta*. Viseu: Junta Distrital de Viseu, jan.-mar. 1977, vol. XXXVI, fasc. I, pp. 15-38.
- “TYPUS Provinciae (...)”, s. XVII”. In GONÇALVES, Nuno — *Catálogo Eclética Leilões*. Lisboa: *Ottium Cum Dignitate*, 2013. Álbum de desenhos.